

trabalho de conclusão de curso

universidade federal de uberlândia

luiza silva sanches,

23 de setembro, 2025

banca:

prof. orientador

Lucas Farinelli Pantaleão

prof. convidado

João Plácido

convidado

Lukas Araújo

**Projeto de uma
Tipografia Display em
Homenagem a Rita Lee**

stars

*fente
display
sans serif
caracteres
alternativos*

Luiza Silva Sanches

Trabalho de Conclusão de Curso

Projeto de uma Tipografia Display em Homenagem a Rita Lee

UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA
FACULDADE DE ARQUITETURA E URBANISMO E DESIGN

GRADUAÇÃO EM DESIGN

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao curso de Graduação em Design da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo e Design da Universidade Federal de Uberlândia, como exigência para aprovação em TCC.

Orientador: Prof. Dr. Lucas Farinelli Pantaleão

Uberlândia
2025
LUIZA SILVA SANCHES

agradecimentos

Este trabalho é sobre traços, e os primeiros foram desenhados pela minha família. Aos meus pais, Adriano e Rosangela, agradeço com todo o meu coração. Vocês se desdobraram para que eu pudesse chegar até aqui, oferecendo o suporte e todo o incentivo. Agradeço também pela herança estética: a caligrafia impecável de vocês, em especial da minha irmã Carol e da minha vó, Elisabeth, foi minha primeira escola, o que fez meus olhos brilharem e sempre me inspirou. Vó, obrigada por ser minha primeira 'cliente' e parceira: ao criar as artes para suas poesias na internet, você me fez designer antes mesmo de eu saber o que isso era. Você sempre viu a artiste que existia em mim.

Ao meu namorado, Ruan, que foi meu porto seguro e meu 'co-orientador' extraoficial nessa batalha. Obrigada pelo apoio incansável, pelos conselhos nas horas difíceis, discutindo cada detalhe e me guiando quando eu perdia o norte. E, principalmente, pela generosidade de mergulhar nesse universo comigo. Você foi fundamental.

À minha irmã, minha revisora oficial e dona de um traço inspirador, obrigada por ler e reler cada parágrafo e sanar todas as minhas dúvidas. Agradeço aos amigos de profissão e especialmente ao Lukas, membro da banca, que sempre foi uma referência criativa generosa, e à Fernanda, minha parceira de madrugadas, obrigada por não me deixar desistir.

Obrigada a todos que fazem parte desta história!

**obrigada a
todas que
fazem parte
desta história!**

resumo

Este Trabalho de Conclusão de Curso documenta o processo de criação de "Cilibrina", uma fonte display digital expressiva que busca materializar o conceito de "gingado brasileiro" em um sistema tipográfico. A pesquisa parte da análise da dualidade da identidade nacional — a tensão entre o "bruto" e o "orgânico" — e utiliza a persona artística da cantora Rita Lee como síntese conceitual dessa transgressão. A metodologia aplica o Design Thinking para traduzir este referencial cultural em formas, estabelecendo uma nova e subversiva regra de construção caligráfica baseada nos princípios da "Brutalidade Geométrica" e "Tensão nos Terminais". O processo de idealização e prototipação é detalhado, desde os esboços manuais até o refinamento técnico dos vetores, validando a criação de "Momentos de Gingado" — exceções propositais à regra — como a principal ferramenta para conferir ritmo e autenticidade à fonte. O resultado é um artefato de design funcional que não apenas cumpre um propósito estético, mas se consolida como uma ferramenta de expressão que carrega a irreverência, a história e a alma de sua homenageada, provando que a tipografia pode ser um ato de antropofagia cultural.

palavras-chave

Design de Tipos, Tipografia Display, Identidade Brasileira, Rita Lee, Caligrafia.

abstract

This Final Paper documents the creation process of "Cilibrina," an expressive digital display font that seeks to materialize the concept of "gingado brasileiro" (Brazilian swing) into a typographic system. The research begins with an analysis of the duality in the national identity—the tension between the "brutal" and the "organic"—and uses the artistic persona of singer Rita Lee as the conceptual synthesis of this transgression. The methodology applies Design Thinking to translate this cultural framework into letterforms, establishing a new and subversive rule of calligraphic construction based on the principles of "Geometric Brutality" and "Tension in the Terminals." The idealization and prototyping process is detailed, from manual sketches to the technical refinement of vectors, validating the creation of "Moments of Gingado"—purposeful exceptions to the rule—as the primary tool for imbuing the font with rhythm and authenticity. The result is a functional design artifact that not only serves an aesthetic purpose but also stands as a tool of expression that carries the irreverence, history, and soul of its honoree, proving that typography can be an act of cultural anthropophagy.

keywords

Type Design, Display Typography, Brazilian Identity, Rita Lee, Calligraphy.

índice



1. introdução

1.1 objetivo geral

1.2 objetivos específicos

2. fundamentação teórica

2.1 da pena ao pixel: a ascensão das fontes display

2.2 a identidade brasileira: a dualidade entre o bruto e o orgânico

2.3 rita lee como síntese da identidade brasileira

3. metodologia e projeto

3.1 o processo: design thinking aplicado ao design de tipos

3.2 etapa pré-projetual: empatia e definição

3.2.1 briefing e personalidade da fonte

3.2.2 análise de similares

3.3 etapa projetual: idealização e prototipação

3.3.1 idealização: dos esboços à definição da regra

3.3.2 vetorização e refinamento técnico

3.4 etapa de validação: teste e aplicação

4. resultados

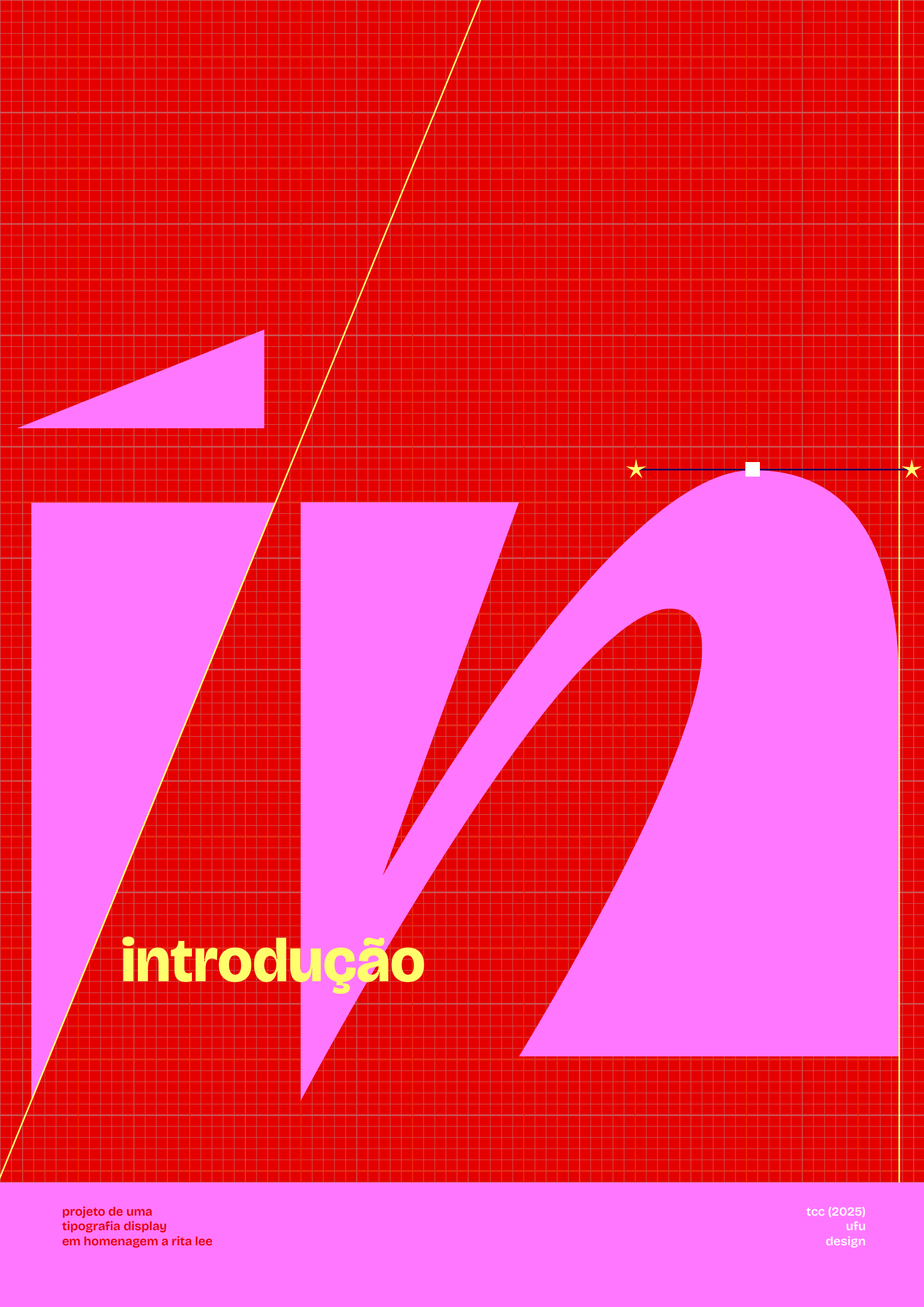
4.1 definição do nome

4.2 análise crítica das formas

4.3 aplicações da fonte e espécime tipográfico

5. considerações finais

6. bibliografia e siteografia



introdução



e a tipografia, como afirma Ellen Lupton, é “uma ferramenta para ler, escrever e aprender — e para encontrar alegria e surpresa” (2023, p. 7), no Brasil essa busca pela surpresa ganha contornos próprios e um nome: “gingado”. Este conceito, que transcende a dança, representa a inteligência da improvisação, a habilidade de criar soluções fluidas e inesperadas diante de estruturas rígidas. É a materialização de uma identidade visual que se recusa a andar em linha reta, transformando o ato de ler em uma experiência rítmica e, por vezes, transgressora.

Poucas figuras personificam melhor esse espírito de transgressão criativa do que Rita Lee. Pioneira do rock nacional, seu comportamento debochado e sua fusão única entre o rock psicodélico e a bossa nova desafiaram todas as convenções. O problema central que este trabalho aborda é que, apesar de sua enorme influência cultural, essa energia anárquica, como a dualidade entre a força e a fluidez, raramente encontra uma tradução literal no design de tipos brasileiro, deixando uma lacuna expressiva a ser preenchida. A relevância deste projeto reside, portanto, em oferecer aos designers uma ferramenta de expressão que capture a complexidade e a rebeldia da identidade nacional, para além dos estereótipos visuais, traduzindo em formas um Brasil que é, ao mesmo tempo, bruto e vibrante, debochado e fluido.

Este projeto tipográfico enfrenta esse desafio diretamente, buscando materializar a quebra de paradigmas em uma fonte display autêntica e rebelde. Batizada de “Cilibrina”, a tipografia aqui desenvolvida é construída sobre uma regra própria que subverte o gesto caligráfico tradicional, explorando a tensão entre a “brutalidade” de formas geométricas e a “organicidade” de curvas fluidas. O resultado é um sistema com ritmo e surpresa, uma ferramenta de expressão para marcas e pessoas que, como Rita, não se contentam com o esperado.



objetivo

1.1 objetivo geral



Desenvolver uma fonte tipográfica digital display, de caráter expressivo e rebelde, fundamentada na dualidade da cultura brasileira e inspirada na persona artística de Rita Lee, visando sua aplicação em projetos de identidade visual, editorial e digital, que buscam impacto e autenticidade.


1.2 objetivos específicos

Da Pena ao Pixel: investigar a história convergente da caligrafia e da tipografia até a era das fontes display digitais

Analisar a identidade cultural brasileira e a persona de Rita Lee como síntese da dualidade entre o geométrico e o orgânico.

Aplicar a metodologia de Design Thinking como estrutura para desenvolvimento do projeto.

Projetar os caracteres de uma fonte display de peso único, incluindo o alfabeto completo, numerais, pontuação e glifos especiais que reflitam o conceito estabelecido.



fundamentação teórica

2.1

da pena ao pixel: a ascensão das fontes display



história da tipografia está intrinsecamente ligada à evolução da própria escrita. Foi com a necessidade de registrar informações que surgiram os primeiros sistemas desenvolvidos por civilizações antigas, como os hieróglifos egípcios e a escrita cuneiforme suméria, utilizando imagens para representar conceitos ou narrativas. Com o tempo, as representações evoluíram para abstrações que simbolizavam sons, originando os sistemas alfabéticos. No entanto, foi a arte da caligrafia que deu forma e alma a esses alfabetos. Derivada do grego kallos (belo) e graphe (escrita), a caligrafia consiste na técnica de desenhar os signos de maneira expressiva e harmoniosa, um ofício meticuloso realizado manualmente por escribas em mosteiros e oficinas. Cada estilo caligráfico, como a Rústica Romana, a Uncial ou a Gótica textura Quadrata, era um reflexo direto do seu tempo, moldado pelas ferramentas disponíveis, pelo contexto cultural e por necessidades práticas. Assim, a mão do escriba, com sua pressão e ângulo variáveis, conferia a cada letra um caráter único – um sopro de humanidade que a tipografia herdaria como sua essência expressiva.

A invenção dos tipos móveis por Johannes Gutenberg, por volta de 1450, revolucionou a transmissão do conhecimento. O objetivo inicial não era inovar esteticamente, mas replicar com perfeição e maior agilidade a escrita gótica dos manuscritos. Para isso, Gutenberg desenvolveu um sistema completo que, como detalha a Encyclopædia Britannica, não se resumia aos tipos, mas era uma solução integrada que incluía uma liga metálica durável, uma tinta à base de óleo que aderiu bem ao metal e uma prensa adaptada, capaz de aplicar pressão firme e uniforme. O resultado, visto na famosa Bíblia de 42 linhas, buscava a uniformidade, mas sua estética permanecia fundamentalmente caligráfica, mantendo o contraste e as serifas herdadas do gesto da pena.

Segundo a Encyclopædia Britannica, a invenção de Gutenberg foi um sistema completo que incluía uma liga metálica durável para os tipos, uma tinta à base de óleo que aderiu bem ao metal e uma prensa adaptada, capaz de aplicar pressão firme e uniforme.



[fig. 1]
Bíblia de Gutenberg (1454-1455)
Fonte: Cambridge University Library (2025).



[fig. 2]



[fig. 3]
Prensa de Gutenberg
(Réplica do International Printing Museum)
Fonte: International Printing Museum (2025).



[fig. 4]
Tipos móveis de metal.
Fonte: Heidelberg (2004).

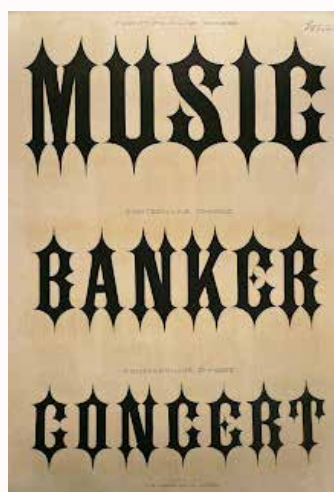
Foi a Revolução Industrial que deu origem à tipografia display como a conhecemos. Até o século XIX, o design de tipos estava focado em atender à demanda de livros, priorizando a legibilidade em longos trechos de texto. Contudo, a produção em massa e o surgimento da concorrência criaram uma necessidade inédita: chamar a atenção. A publicidade explodiu em novos suportes, como cartazes, embalagens e anúncios em jornais (CHENG, 2005), exigindo tipos que fossem maiores, mais ousados e com mais personalidade para se destacarem na paisagem urbana e comercial.



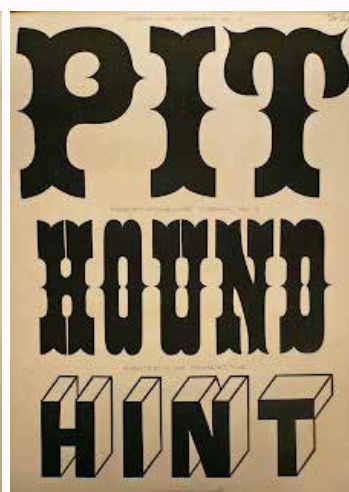
[fig. 5]
Fonte: Tipografos.net (2025).



[fig. 6]
Fonte: Löfkvist (2015).



[fig. 7]
Fonte: Löfkvist (2015).



[fig. 8]
Fonte: Löfkvist (2015).

Neste contexto, surgem as fontes display, que segundo Ellen Lupton no livro "Thinking with Type (2010), "são projetadas para uso em grandes tamanhos, como títulos, logotipos e publicidade, diferente das tipografias de texto, que priorizam legibilidade em corpos pequenos". Assim, ela não tem como principal compromisso a legibilidade em longos textos. Sua função é impactar, expressar uma personalidade e capturar a atenção.

A própria estética da época pedia fontes que refletissem a força e a produção em massa da Era das Máquinas. Nesse cenário, três grandes estilos de fontes display ganharam popularidade:

- **Slab Serifs (Egípcias):** Foram as primeiras fontes display a ganhar popularidade. Suas serifas retangulares e grossas transmitiam solidez, força e um caráter mecânico.



Mutantes

Eroika slab | Dave Rowland, 2017



GINGADO

Presley Slab | Alejandro Paul, 2019

- **Sans Serif (Sem serifas):** A ausência de serifas foi considerada chocante para a época, concebendo um visual limpo, direto e ousado. Esse estilo, seria amplamente explorado e se tornaria popular no século seguinte com tipos como Akzidenz Grotesk (1898), Helvetica (1957) e a geométrica Futura (1927), consolidando-se mais tarde para diversas aplicações, inclusive de texto.

Bruto

Futura PT | Paul Renner, 1927

Orgânico

Montserrat | Julieta Ulanovsky, 2011

Psicodelia


Karmina sans | Veronika Burian e José Scaglione, 2009

Se a Revolução Industrial foi o berço, a Era Digital foi o palco da sua explosão definitiva. Com a democratização dos softwares de criação, o ofício do design de tipos, antes restrito a especialistas, tornou-se acessível a estúdios e designers independentes. Como aponta José Scaglione (2018, p. 19), o processo, que antes envolvia grandes equipes, hoje pode ser realizado por um único profissional. Essa nova realidade consolidou a prática do designer de tipos que não parte de um briefing de cliente, mas de uma motivação interna, como afirma Gomes (2010, p. 52): a busca por preencher uma lacuna de mercado ou gerar novas possibilidades gráficas a partir de uma visão própria.

- **Decorativas e Ornamentadas:** Caracterizadas pelo excesso, o objetivo era agregar o máximo de informação e impacto visual ao tipo, com o uso de sombras, contornos, texturas e outros floreios.



CHEEE VARIABLE | James Edmondson e Alexis Boscariol , 2020



CLIMATE CRISIS | Daniel Coull e Eino Korkala, 2021

Este é o caso deste trabalho, que nasce de uma investigação sobre a identidade brasileira e do desejo de traduzir a persona de Rita Lee em uma nova possibilidade gráfica, preenchendo uma lacuna expressiva no design nacional.

2.2

a identidade brasileira: a dualidade entre o bruto e o orgânico




identidade criativa brasileira se manifesta através de um processo de Antropofagia Cultural, consolidado pelo Manifesto Antropófago de Oswald de Andrade (1928). Esse conceito consiste na habilidade de absorção de estruturas e influências estrangeiras, muitas vezes rígidas e racionais, e subvertê-las com fluidez, improvisação e espontaneidade local. Essa fusão não é uma cópia, mas uma digestão que gera algo inteiramente novo e identitário. A tradução desse conceito pode ser encontrada no “gingado brasileiro”, que é a capacidade de encontrar soluções inesperadas e de “dançar” com as regras, em vez de apenas segui-las.

[fig. 9]
Catedral Fonte: Adobe Stock
(2025).



[fig. 10] Catedral de Brasília (Interior)
Fonte: Wikimedia Commons (2009).



Este processo antropofágico é visível nos pilares da vanguarda moderna brasileira. Na arquitetura, Oscar Niemeyer "devorou" a rigidez geométrica do modernismo europeu de Le Corbusier, transformando o concreto armado em um material inerentemente "bruto", em curvas sensuais e "orgânicas". Segundo Niemeyer (2000), sua inspiração não vinha da rigidez das linhas retas criadas pelo homem, mas sim das curvas livres e sensuais que observava na natureza do Brasil, nos rios, nas nuvens e no corpo feminino. Para o arquiteto, todo o universo é feito de curvas. É a regra "bruta" do modernismo forçada a dançar com a paisagem brasileira.

gingado brasileiro

**antropofagia
cultural**

oswald de andrade (1928)

[Fig. 11]
Museu de Arte Contemporânea
de Niterói (MAC)
Fonte: Adobe Stock (2018).

No paisagismo, Roberto Burle Marx aplicou a mesma lógica ao organizar plantas nativas da flora brasileira ("orgânicas") em painéis de padrões abstratos e quase geométricos ("brutos"), como visto no calçadão de Copacabana. É a natureza selvagem sendo domesticada com rigor modernista, uma síntese perfeita da dualidade.



[fig. 12] O Legado de Burle Marx (Documentos) Fonte: Instituto Burle Marx (2025).



[fig. 13] Projeto de Jardim (Desenho) Fonte: Instituto Burle Marx (2025).

deus e o diabo na terra do sol



[fig. 14] Pôster de "Deus e o Diabo na Terra do Sol" Fonte: Wikipédia (2025).

No design gráfico, essa fusão atinge seu ápice no trabalho de Rogério Duarte, especialmente no cartaz para o filme "Deus e o Diabo na Terra do Sol" (1964). Duarte combinou o rigor de uma tipografia modernista, sem serifa e organizada em um grid rígido ("bruto"), com uma imagem visceral, cores explosivas e uma energia psicodélica ("orgânica") que pulsava com a urgência do Cinema Novo.

[fig. 15] Plantação de Guaraná Fonte: Adobe Stock (2025).



rie Marx (2025).

[fig. 18] Paisagem de Botucatu
Fonte: Adobe Stock (2025).

[fig. 17] Pôr do sol entre as
montanhas de Minas Gerais
e Rio de Janeiro Fonte:
Adobe Stock (2025).

[fig. 16] Vista aérea de floresta
tropical Fonte: Adobe Stock
(2025).

Portanto, o método antropofágico de fundir o bruto e o orgânico não é uma coincidência, mas sim a espinha dorsal da criatividade nacional. É a capacidade de improvisar e quebrar regras com graça e naturalidade, de transformar o sistema em poesia, a regra em ritmo. É a partir desta compreensão que se torna possível analisar a figura de Rita Lee, como uma das maiores figuras antropófagas da música brasileira.

[fig. 19] Calçadão de Copacabana (Vista aérea) Fonte: Adobe Stock (2025).

2.3 rita lee como síntese da identidade brasileira



Para traduzir um conceito cultural tão abrangente em formas tipográficas concretas, fez-se necessária a escolha de uma personificação que materializasse essa dualidade de forma exemplar.

A figura de Rita Lee surge como a síntese perfeita. Sua carreira foi um contínuo ato de antropofagia: ela devorou o rock e a psicodelia estrangeira para criar algo inconfundivelmente brasileiro, assumindo para si a missão de ser uma "guerrilheira do desbum" e uma "porra-louca feliz" (LEE, 2016, p. 88).



[fig. 20] Capa do álbum Rita Lee e Roberto de Carvalho (1979)

[fig. 30] Izabella Lee relembra foto da avó, Rita Lee, nos palcos. Fonte: IstoÉ Gente (2023).



[fig. 21] Build Up (1970)



[fig. 22] Fruto Proibido (1975)



[fig. 23] Refestança (1977)



[fig. 24] Babilônia (1978)



[fig. 25] Rita Lee e Roberto de Carvalho (1980)



[fig. 26] Saúde (1981)



[fig. 27] Rita Lee e Roberto de Carvalho (1982)



[fig. 28] Flerte Fatal (1987)



[fig. 29] 3001 (2000)



[fig. 31] Rita Lee em ensaio fotográfico (1978) Fonte: Marie Claire (2023).



[fig. 32] Rita Lee jovem. Fonte: Pinterest ([s.d.]).

antropofagia

A faceta "bruta" do conceito encontra paralelo em sua transgressão deliberada num universo musical dominado por homens e sufocado pela "ditadura brucutu" (LEE, 2016, p. 336). Ao ser expulsa de sua primeira banda, Os Mutantes, ouviu a justificativa de que precisavam de alguém com mais "calibre como instrumentista" para seguir na linha progressiva-virtuose (LEE, 2016, p. 150). Sua resposta não foi se adequar, mas radicalizar a própria identidade. Ela confrontou diretamente o mantra de que para fazer rock "precisava ter culhão", afirmando que provaria a si mesma que o gênero "também se fazia com útero, ovários e sem sotaque feminista clichê" (LEE, 2016, p. 166). Essa atitude de ruptura é cristalizada na canção "Pagu", uma homenagem à escritora e militante modernista Patrícia Galvão. Na letra, Rita define sua própria força de uma forma que ecoa a dualidade deste projeto: "Minha força não é bruta [...] Eu sou pau pra toda obra / Deus dá asas à minha cobra". Aqui, ela rejeita a força pela força, alinhando-se a uma astúcia subversiva que é a própria essência do "gingado".

[fig. 33] Rita Lee com os Mutantes Fonte: Rádio Cultura Brasil (2025).

**minha
força
não é
bruta**

Eu sou pau pra toda obra
Deus dá asas à minha cobra
Hum! Hum! Hum! Hum!
Minha força não é bruta
Não sou freira, nem sou puta

[fig. 34] Capa do documentário sobre Rita Lee Fonte: Contexto Jornalismo (2025).



[fig. 36] Trajetória de Rita Lee Fonte: Estadão [2024].



[fig. 35] Rita Lee com figurino icônico (1978) Fonte: Marie Claire (2023).



[fig. 37] Rita Lee com visual grisalho Fonte: Revista Quem (2015).

antropo-

fágica

Por outro lado, a faceta "orgânica", a fluidez de sua obra, é quase uma herança genética. Ela descreve seus pais como polos opostos: o pai, Charles, americano, que "usava a lógica", e a mãe, Chesa, italiana, que "investia na intuição" (LEE, 2016, p. 21). Foi com essa naturalidade que ela cantou sobre o prazer feminino em "Mania de Você", descrevendo-a como nascida do "inspiradíssimo script de uma recém-trepada perfeita" (LEE, 2016, p. 221), sobre a complexidade da mulher em "Cor-de-rosa choque" e sobre um desapego quase filosófico em "Nem luxo nem lixo". Sua obra se torna, assim, o reflexo de uma identidade que se recusa a ser uma coisa só, provando que a maior força não está na rigidez, mas na capacidade de dançar e se reinventar com inteligência e autenticidade.

[fig. 38] Rita Lee em
estúdio Fonte: Ferreira
(2020).





metodologia e desenvolvimento

3.1

o processo: design thinking aplicado ao design de tipos

O Design Thinking é uma metodologia moderna que busca soluções criativas para problemas complexos através de um processo centrado no ser humano, baseado em experimentação e interação (BROWN, 2009). Organizado em cinco etapas não lineares — empatia, definição, idealização, prototipação e teste —, o método permite um fluxo dinâmico de idas e vindas, ideal para projetos de alta complexidade conceitual. No contexto deste trabalho, o "usuário" é interpretado de forma dupla: a própria persona de Rita Lee, com quem se busca empatia para traduzir sua essência, e os designers que utilizarão a fonte final, cujo anseio é por uma ferramenta de expressão autêntica e rebelde.

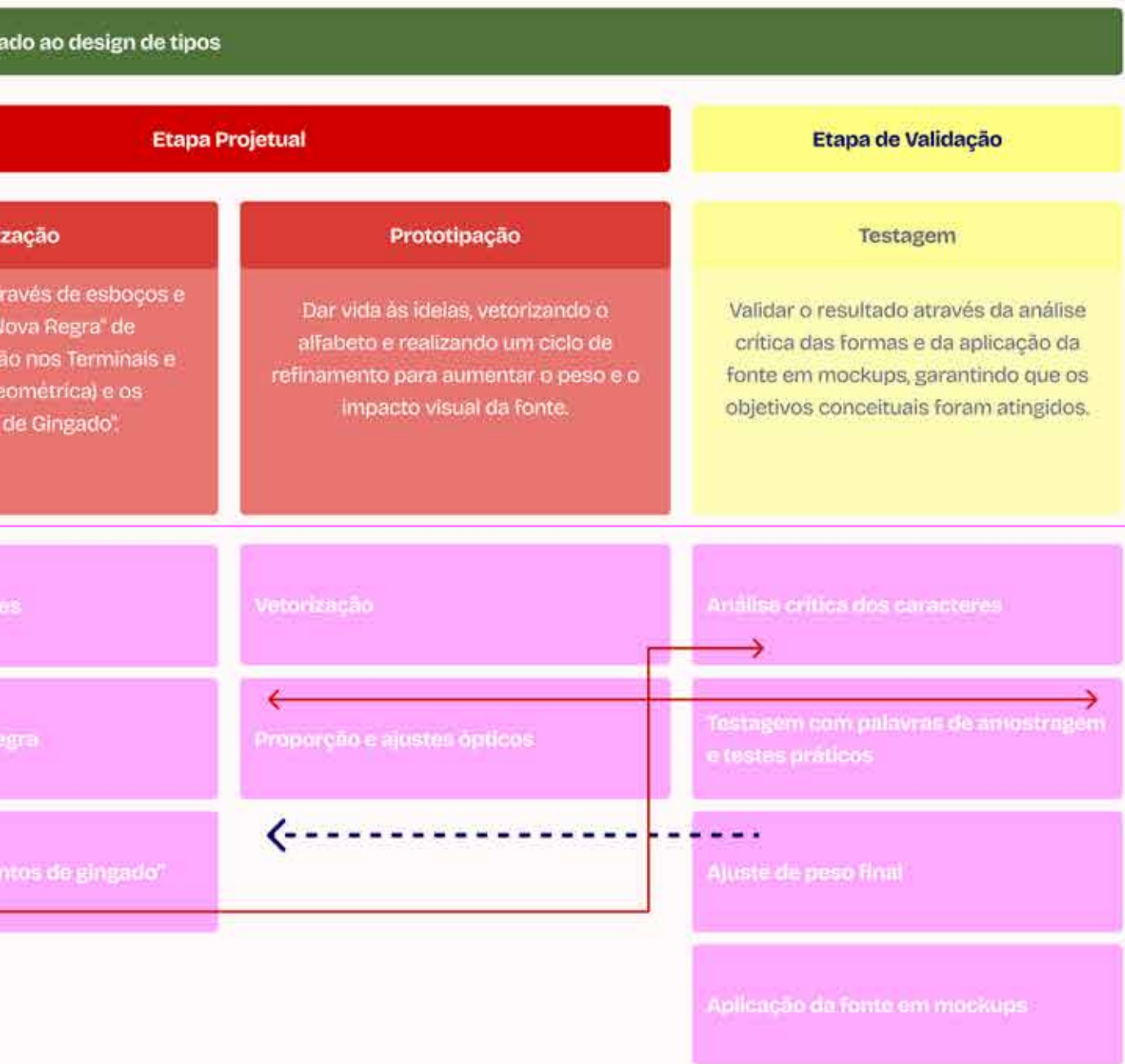
O processo de desenvolvimento de uma fonte tipográfica pode ser realizado de diversas formas, cabendo ao designer escolher a melhor e mais adequada para cada caso. Segundo Scaglione, "o processo criativo é interno e pessoal, faz parte de uma lógica independente e particular de cada indivíduo" (SCAGLIONE, 2014, p. 51). Desta forma, o Design Thinking foi escolhido para o desenvolvimento deste trabalho por gerar maior possibilidade de inovação e de insights, pois seu foco é a inovação e a conexão.

A seguir, o processo de criação da fonte será detalhado, organizando as cinco etapas do Design Thinking em três fases principais do projeto: pré-projetual, projetual e validação. A Etapa Pré-Projetual (seção 4.2) abrangerá as fases de Empatia e Definição, detalhando a pesquisa inicial, a análise de fontes similares e a construção do briefing que estabeleceu a personalidade da fonte. Na sequência, a Etapa Projetual (seção 4.3) documenta o percurso de Idealização e



[fonte: a autora]

Prototipação, desde a concepção da regra visual que define o DNA da fonte até a vetorização dos caracteres. Por fim, a Etapa de Validação (seção 4.4) corresponderá à fase de Teste, na qual serão apresentados os ajustes e as aplicações práticas que validam o resultado final.



3.2

etapa pré-projetual: empatia e definição

3.2.1 briefing e personalidade da fonte

Com base na análise da persona de Rita Lee, detalhada no capítulo 3.3, a etapa de Definição buscou traduzir sua personalidade rebelde e multifacetada em diretrizes conceituais e de personalidade. Para isso, o processo foi guiado por ferramentas de briefing consolidadas no design de tipos, como a proposta por Karen Cheng em sua obra *Designing Type*, para estabelecer as diretrizes funcionais do projeto (CHENG, 2005).

Briefing

1. Qual é a função da tipografia?
2. Em que tipo de mídia será utilizada?
3. Quais línguas necessárias?
4. Que personalidade a tipografia deve possuir?
5. Quais características de design são necessárias?
6. Qual estilo tipográfico é desejado?

Designing Type, Karen Cheng

O objetivo definido foi criar uma fonte display expressiva para mídias digitais e impressas, como sites, banners e revistas, que se diferenciassse no mercado por traduzir a dualidade da cultura brasileira, personificada na artista. O conjunto de caracteres essencial foi definido para contemplar o português (BR) e o espanhol.

1. ser autêntica,
por isso será display,
para telas e títulos

2. mídia digital

3. pt br

utilizaremos ferramentas a seguir
para responder as próximas perguntas

arquétipo de marca

carl jung (data)



[fig. 39] Referência visual Fonte: Pinterest ([s.d.]).



[fig. 40] Estratégia de marca Fonte: Plau Ensino ([s.d.]).

Para definir a personalidade da tipografia, foi utilizada a ferramenta de Arquétipos de Marca, consolidada pelo psiquiatra Carl Jung (JUNG, 2016). A aplicação desta teoria ao design de tipos é uma prática que busca conectar a psicologia das formas à estratégia de marca, como explora o designer Rodrigo Saiani em seu artigo "Arquétipos de marca na tipografia" (SAIANI, 2024). Em alinhamento com a análise da persona de Rita Lee, e com o objetivo de incorporar a dualidade da identidade brasileira, o arquétipo que melhor traduz o desejo de mudar o mundo e buscar a liberdade é o do Rebelde.

régua tipografica

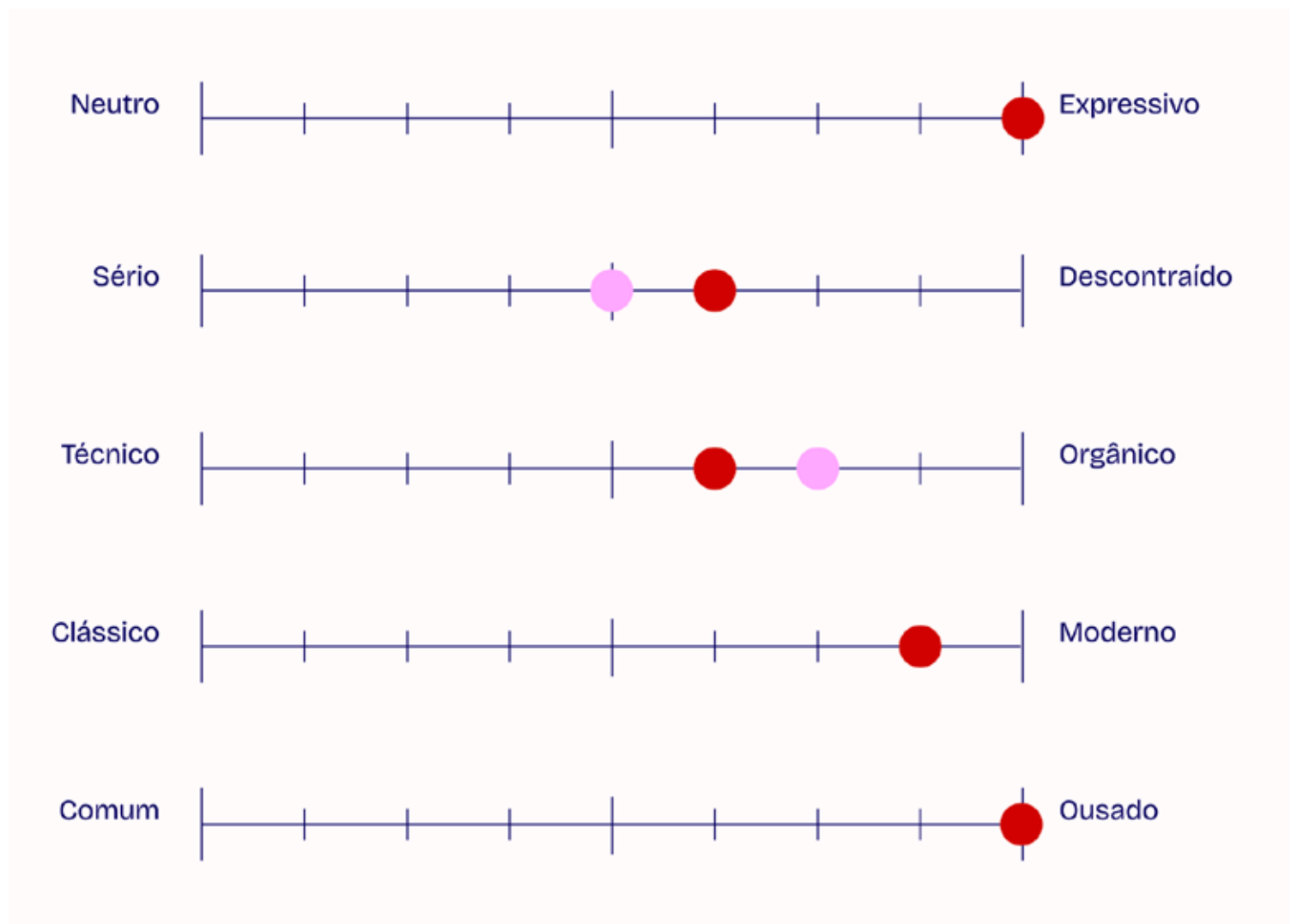
Para traduzir este conceito em parâmetros visuais concretos, a Régua Tipográfica foi uma ferramenta fundamental, um método de análise e definição de personalidade para fontes detalhado por Carlos Mignot (MIGNOT, 2024). Ela permitiu posicionar a personalidade da fonte não como uma rebeldia puramente agressiva, mas como uma quebra de regras com inteligência e fluidez. Por isso, a fonte se posiciona nos extremos de Expressiva e Ousada, mas com um claro pendor para o Descontraído e Orgânico. É essa combinação que busca capturar a essência de Rita Lee: a força do rock que não abre mão da ironia, a estrutura que é subvertida pelo gingado.



[fig. 30]



[fig. 37]



[fonte: a autora]

Retomando o método de Karen Cheng, as perguntas finais do briefing exigiam mais do que apenas requisitos funcionais; elas pediam uma direção de arte clara. Após a definição do Arquétipo 'Rebelde' e a calibração dos parâmetros visuais na Régua Tipográfica, temos agora os insumos necessários para responder às questões 4, 5 e 6. Essas ferramentas transformaram conceitos abstratos em diretrizes de design tangíveis: a personalidade será confrontadora, traduzida em traços de alto contraste e estilo display.

Briefing

1. Qual é a função da tipografia?
2. Em que tipo de mídia será utilizada?
3. Quais línguas necessárias?
4. Que personalidade a tipografia deve possuir?
5. Quais características de design são necessárias?
6. Qual estilo tipográfico é desejado?

Designing Type, Karen Cheng

4. rebelde

5. alto contraste;
caracteres largos;

6. sans serif decorativo;
display

análise de similares



a observação do trabalho alheio

"fertiliza o próprio trabalho,
mostra as soluções encontradas
pelos mestres e revela limites
que poderiam ser superados "

(CRISTOBAL HENESTROSA, 2018, p. 18)

ANÁLISE 1

A RAINHA DO ROCK, CO
ZOMBAVA DO ÓBVIO

nome
tomasa

peso:
regular

lançamento
2020

design
fer cozzi

A fonte Tomasa, desenhada pela designer argentina Fernanda Cozzi (2019), é uma referência fundamental pela sua exploração da caligrafia urbana como fonte de expressão. Conforme descrito em análises críticas, a Tomasa busca capturar a energia e o ritmo do graffiti e do picho, traduzindo a gestualidade das ruas para um sistema tipográfico. Essa abordagem dialoga diretamente com este trabalho na busca por um traço com movimento e personalidade, que se afasta de uma estrutura puramente formal.

ROCK.

[fig. 41] Aplicação da fonte Tomasa (Rock) Fonte: Cozzi ([s.d.]).

OM FRANJA E GUIZOS,
O: "QUE PANDEGA!"

No entanto, apesar da base caligráfica em comum, os projetos seguem caminhos conceitualmente distintos. A Tomasa busca emular a estética do graffiti de forma mais literal, resultando em um visual que, como aponta a própria autora, interpreta "os artefatos da paisagem urbana". "Cilibrina", em contrapartida, se afasta da emulação de um estilo específico. Seu objetivo não é replicar o visual urbano, mas sim criar uma nova regra visual a partir da subversão do peso caligráfico tradicional. A tensão em "Cilibrina" nasce da dualidade "bruto/orgânico", gerando uma linguagem própria que se conecta de forma mais conceitual à persona de Rita Lee, em vez de se vincular a um movimento estético preexistente.

FRANJA

[fig. 42] Aplicação da fonte Tomasa (Franja) Fonte: Cozzi ([s.d.]).

ANÁLISE 2

A rainha do rock, com fr
zombava do óbvio: "que p

A rainha do rock, com fr
zombava do óbvio: "que p

nome
acma

peso:
bold

lançamento
-

design
Francesca Bolognini
Mat Desjardins

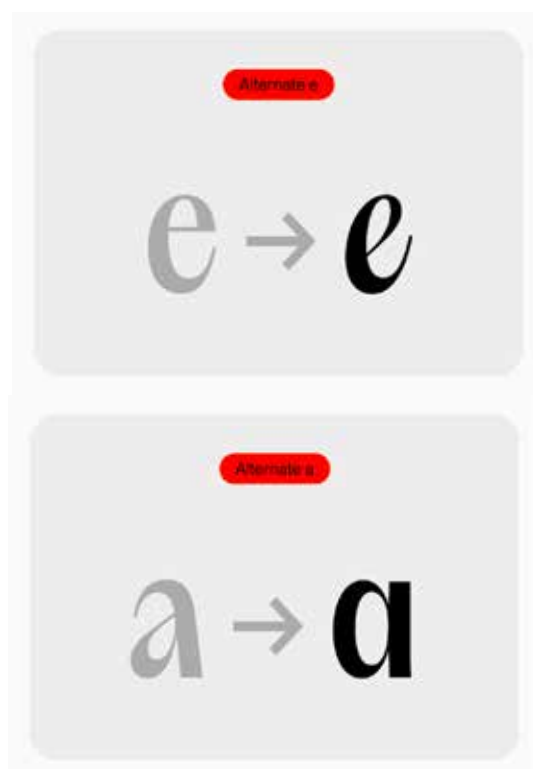
A fonte Acma, desenhada por Francesca Bolognini e Mat Desjardins (BOLOGNINI; DESJARDINS, [s.d.]), é uma referência metodológica fundamental. Sua relevância reside na estratégia de oferecer dois conjuntos de caracteres: um padrão, mais contido, e um alternativo, com ligaduras e glifos estilísticos que permitem ao designer criar composições dinâmicas. Essa dualidade entre um sistema base e momentos de exceção é a mesma abordagem utilizada em "Cilibrina" para criar caracteres alternativos.



[fig. 43] Fonte Acma (Pangram Pangram)
Fonte: Pangram Pangram Foundry
[s.d.].

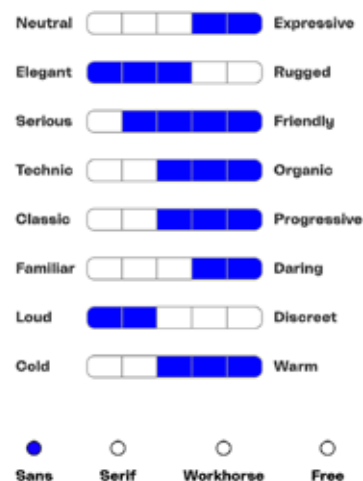
anja e guizos,
pândega!"

anja e guizos,
pândega!"



[fig. 44] Espécime da fonte Acma Fonte: Pangram Pangram Foundry [(s.d.)].

A diferenciação, portanto, não está no método, mas na intenção conceitual. Enquanto a Acma parte estética japonesa contemporânea para criar uma expressividade elegante e irreverente, os caracteres alternativos de "Cilibrina" são a materialização da Antropofagia Cultural. Nela, as exceções não são apenas opções estilísticas; são atos deliberados de indisciplina tipográfica que representam o "gingado" e a persona de Rita Lee.



[fig. 45] Análise da fonte Acma no Fontbrieff Fonte: Fontbrieff [(s.d.)].

ANÁLISE 3

A rainha do rock, co zombava do óbvio:

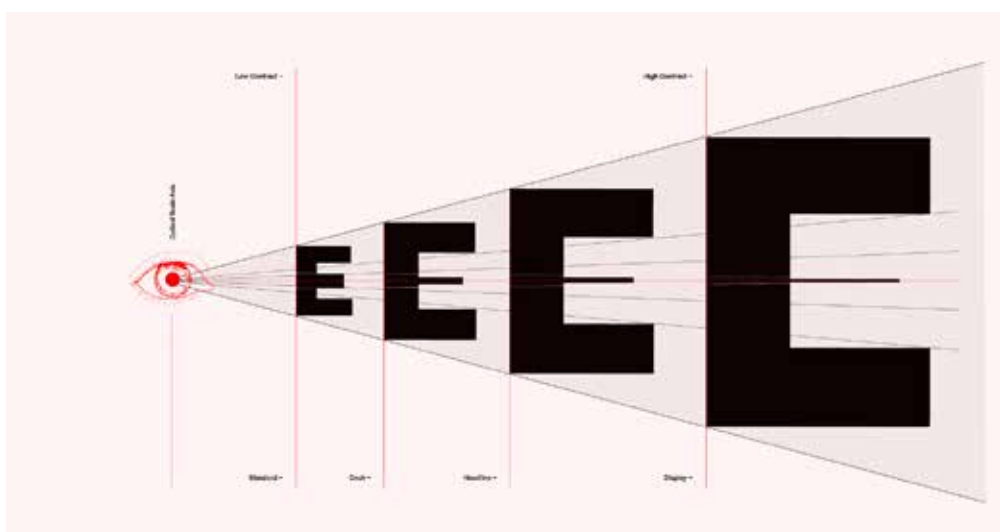
nome
beatrice

peso:
bold

lançamento
2018

design
Lucas Sharp
Connor Davenport

A Beatrice, desenhada por Lucas Sharp para a Sharp Type, é um ponto de referência fundamental por compartilhar o mesmo campo de investigação deste projeto: a exploração do alto contraste como principal ferramenta para gerar impacto. Ambas as fontes se afastam de construções tradicionais para criar uma identidade visual forte, destinada a aplicações em grandes tamanhos.



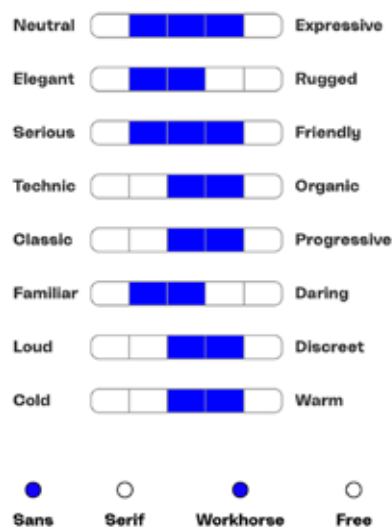
[fig. 46] Fonte Beatrice Standard (Sharp Type) Fonte: Sharp Type ([s.d.]).

Com franja e guizos, "que pândega!"

A diferenciação reside na finalidade e na natureza do sistema de contraste. A Beatrice utiliza o contraste de forma altamente sistemática e funcional, através de um espectro de tamanhos ópticos que vai de uma versão Standard (baixo contraste) a uma Display (alto contraste). Sua variação de contraste é uma ferramenta racional, projetada para garantir a legibilidade e o impacto da fonte em diferentes escalas. "Cilibrina", em contrapartida, utiliza o contraste de forma puramente expressiva e conceitual. A sua subversão da lógica caligráfica não se adapta a um espectro óptico; ela é uma declaração de identidade consistente, um ato de "gingado" que se manifesta de forma igual em qualquer aplicação display.



[fig. 47] Detalhes da fonte Beatrice Fonte: Sharp Type ([s.d.]).



[fig. 48] Análise da fonte Beatrice no Fontbrief Fonte: Fontbrief ([s.d.]).

3.3

etapa projetual: idealização e prototipação

Muitas fontes display contemporâneas são diretamente inspiradas ou até mesmo digitalizadas a partir de caligrafias e letreiramentos feitos à mão. A tecnologia permite capturar as sutilezas de um traço de pincel e até as "imperfeições" que conferem calor e autenticidade a uma escrita, carregando a tradição de séculos de escrita manual para os mais diversos suportes digitais. A beleza da escrita à mão continua a ser uma fonte inesgotável de inspiração para a arte de desenhar letras.

Para contextualizar o processo de design da "Cilibrina", é fundamental diferenciar as formas de trabalhar com letras. O teórico Gerrit Noordzij (2013) estabelece uma distinção clara: a escrita manual é praticada em um único e contínuo traço; o letreiramento consiste em formas construídas, que permitem retoques e ajustes; e a tipografia, por fim, é a escrita com letras pré-fabricadas. Esta distinção é crucial, pois o método deste projeto partiu de um gesto de escrita manual, foi refinado como lettering e resultou em um sistema tipográfico.



[fig. 49] Capital C. Fonte: @tv_calligrahee (2024).

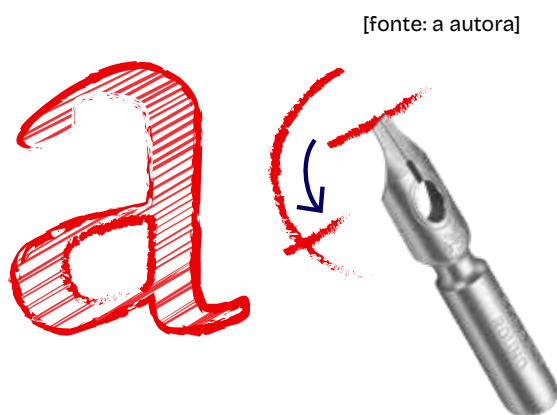


[fig. 50] Diferenças entre Caligrafia, Lettering e Tipografia. Fonte: Mignot (2024).



[fig. 51] Checklist para escolha tipográfica. Fonte: Google Fonts (2025).

Para compreender as decisões técnicas deste projeto, que parte dessa inspiração caligráfica, é fundamental entender a teoria do contraste. O desenho de tipos é historicamente guiado por dois tipos principais de contraste, como define Gerrit Noordzij (2013): o contraste por translação, produzido por uma pena de ponta quadrada em ângulo fixo; e o contraste por expansão, característico da pena flexível, onde a espessura varia com a pressão aplicada.



Contraste por translação

Pena de ponta larga (plana) em ângulo fixo. O contraste nasce da direção do movimento.



Contraste por expansão

Pena flexível ou pincel. O contraste varia com a pressão aplicada.

São a base dos tipos romanos antigos, principalmente entre o século XV e XVI, como Centaur e Garamond. Ambos modelos são derivados da escrita humanista, romana e itálica, com eixo inclinado.

Base dos tipos romanos modernos e didones, como a Didot.

A pena de ponta flexível produz traços finos ao subir e grossos ao descer, devido à expansão causada pela pressão. A pena quadrada, no entanto, sofre pressão constante, de modo que o contraste é produzido devido à mudança de direção do traço, porém mantendo o mesmo ângulo da pena durante toda trajetória: 30 graus nas romanas e 45 nas itálicas.

Figura G - Ilustração dos tipos de contraste por translação e por expansão.
Fonte: Adaptado de Noordzij (2013).

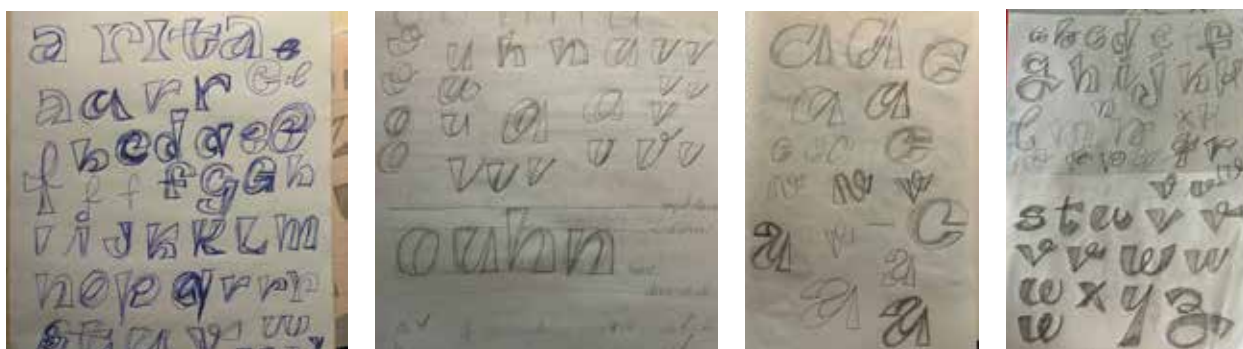
Considerando a natureza deste Trabalho de Conclusão de Curso, focado na exploração de um conceito, foi definido um escopo de caracteres essencial, que abrange o alfabeto em caixa baixa, numerais e a pontuação fundamental para a língua portuguesa. Essa decisão prioriza a qualidade conceitual sobre a quantidade.

3.3.1 idealização: dos esboços à definição da regra

A idealização da fonte partiu de duas decisões estratégicas. A primeira foi a de projetar uma fonte de alto contraste, fundamentada em estudos que indicam que esta característica evoca emoções e captura a atenção de forma mais eficaz (Henderson et al., 2004).

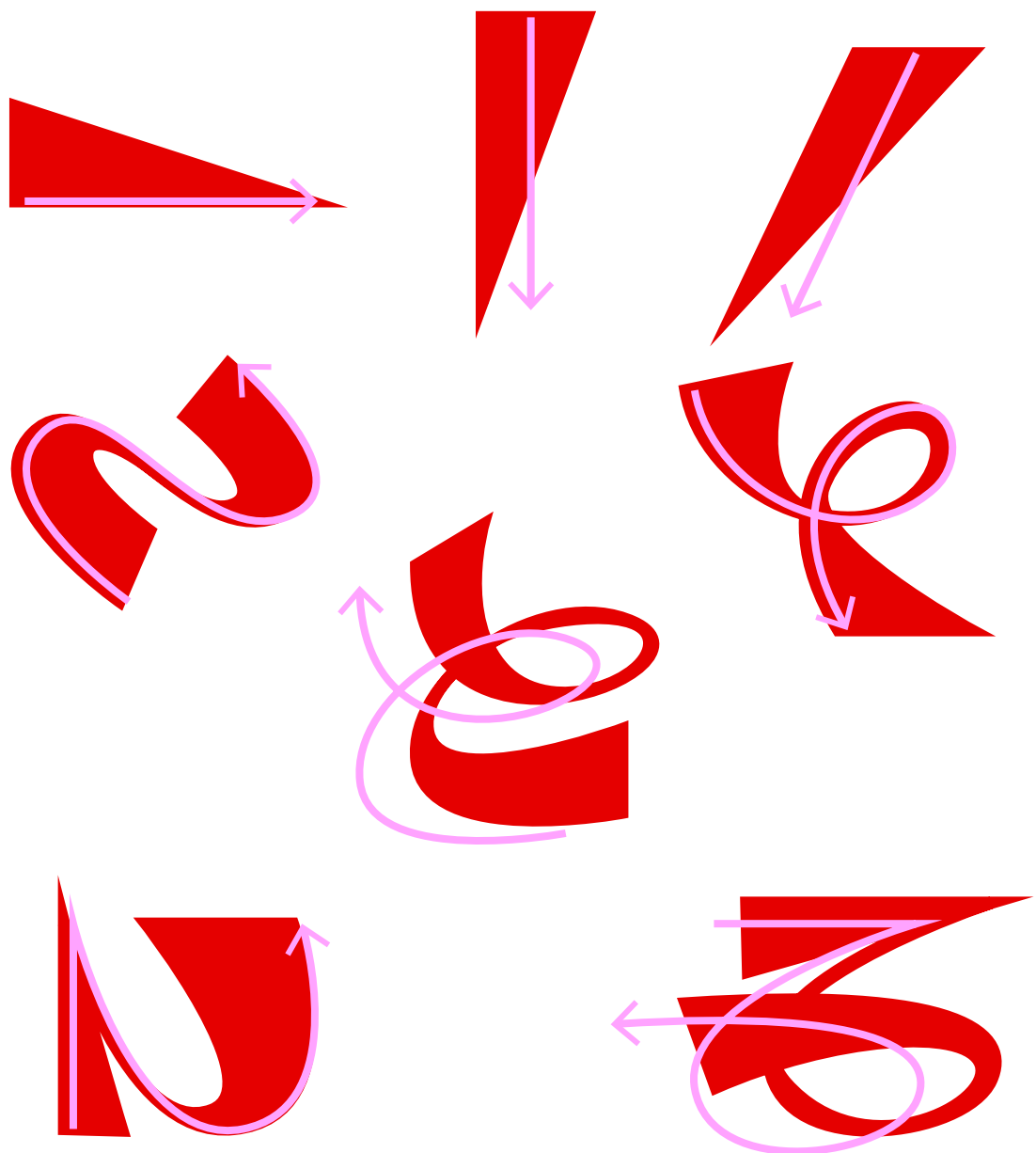
A segunda foi a de misturar um traço caligráfico contínuo em uma estrutura sem serifa, uma decisão que busca autenticidade e inovação.

A exploração prática começou com esboços livres dos caracteres com papel branco, lápis e canetas, desenvolvidos em tipos minúsculos, que possuem maior ritmo e continuidade, com a posterior inclusão de caracteres maiúsculos chave para validar a versatilidade do sistema. Esta foi uma decisão estratégica para conferir maior personalidade ao projeto, visto que fontes display são majoritariamente desenvolvidas em caixa alta. Durante este processo, o desenho concentrou-se inicialmente nas letras "n, o, v, a". Seguindo a prática de designers como Cristóbal Henestrosa (2019), essas letras foram escolhidas por representarem as formas geométricas essenciais (retas, curvas e diagonais), permitindo estabelecer a linguagem visual da fonte.



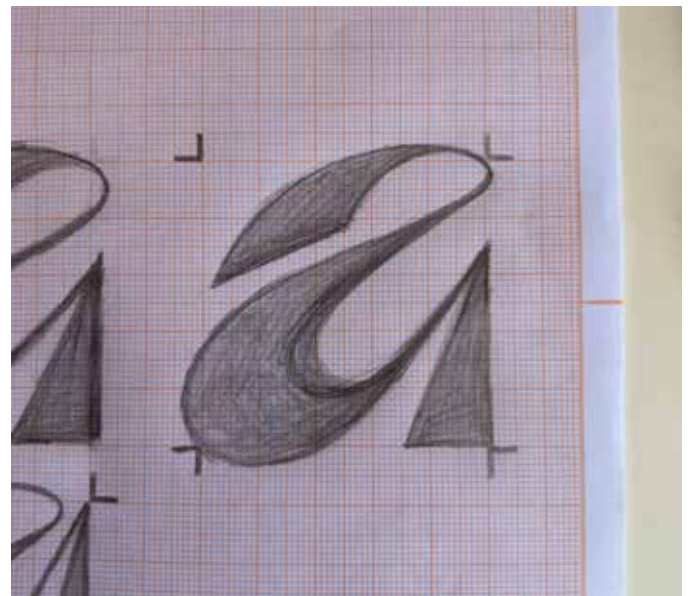
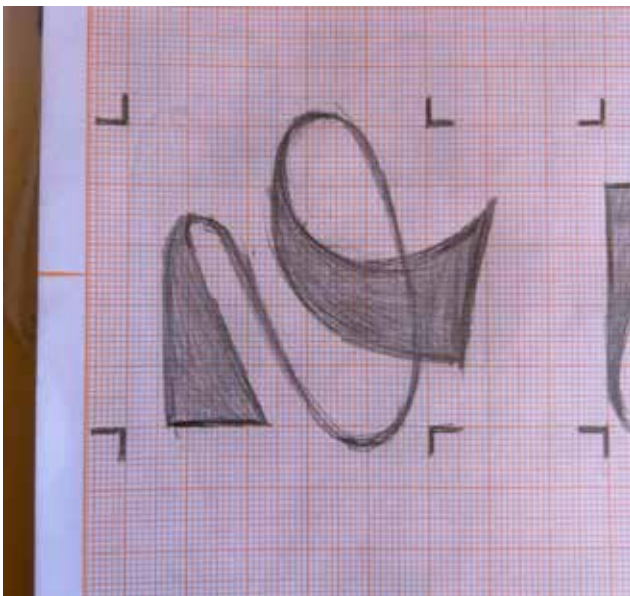
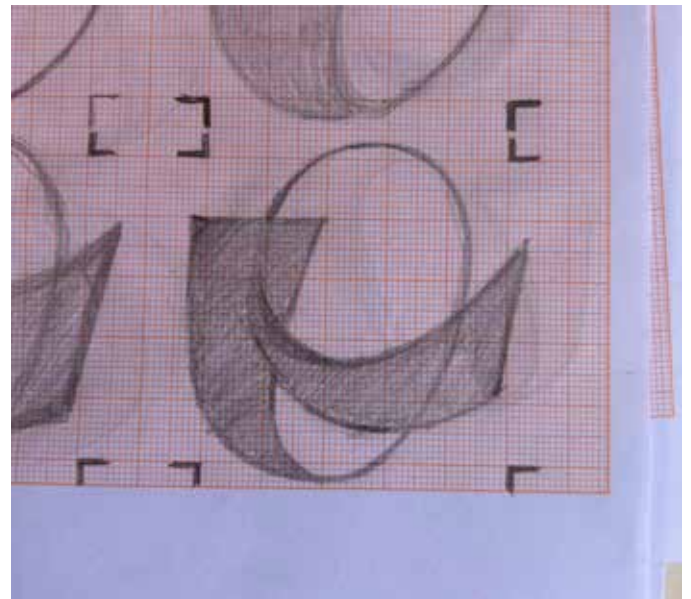
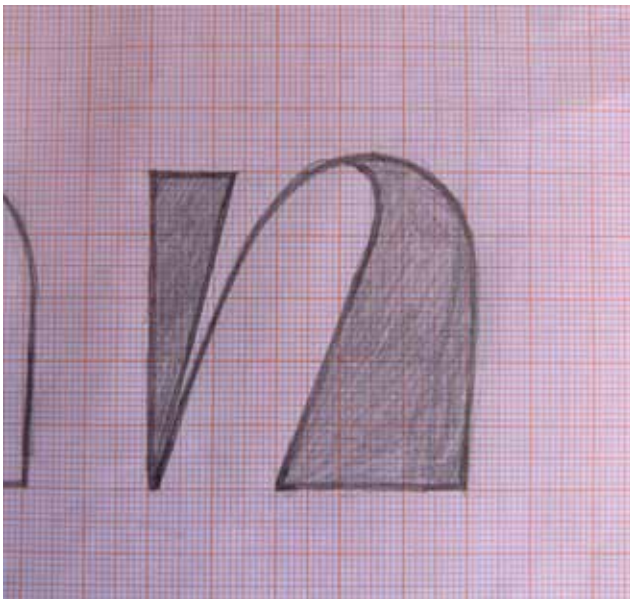
[fonte: a autora]

Foi na análise destes esboços que a diretriz principal do projeto foi definida. Notou-se a possibilidade de abordar o contraste por expansão, mas de uma forma que não respeitasse o movimento tradicional de subida (fino) e descida (grosso) da mão do calígrafo. A partir dessa decisão, emergiu uma nova regra de construção, baseada em dois princípios: o da Tensão nos Terminais, que dita que todo traço contínuo inicia e termina com peso máximo, possuindo um centro fino; e o da Brutalidade Geométrica, que estabelece que as hastes retas e terminais são construídos com formas predominantemente triangulares.

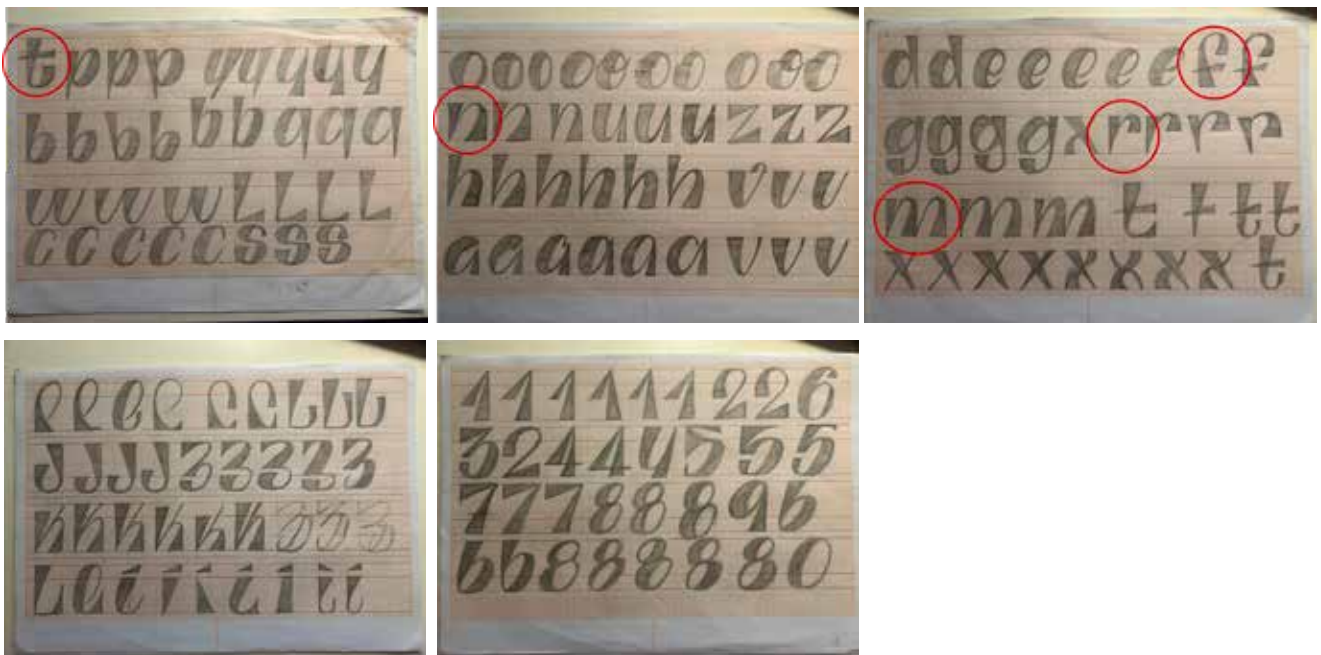


[fonte: a autora]

Essa estrutura cria a dualidade que fundamenta o projeto: a "brutalidade" das formas triangulares contrasta com a delicadeza "orgânica" das finas curvas internas, uma tensão visual que é a tradução direta da persona de Rita Lee. Para validar essa regra, o desenho das letras "n, o, v, a" foi refinado em papel milimetrado.

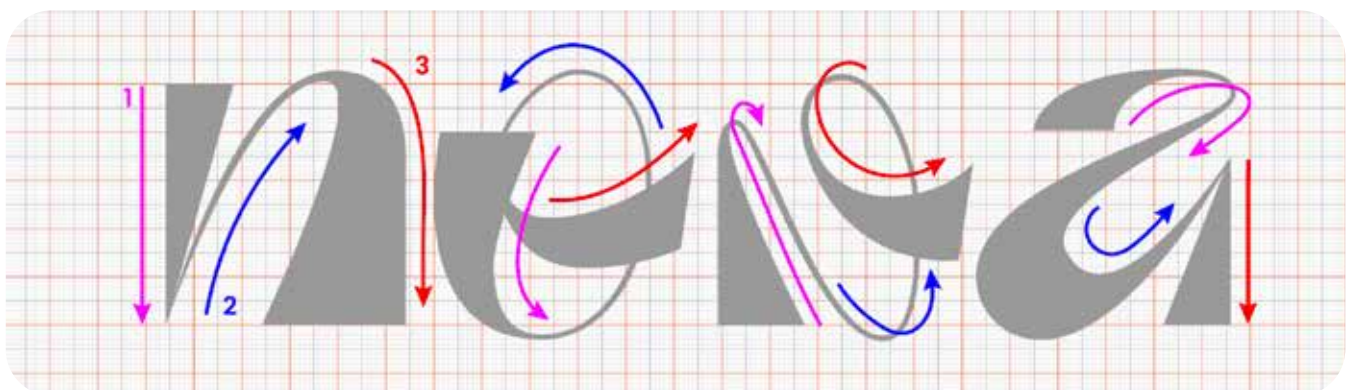


[fonte: a autora]



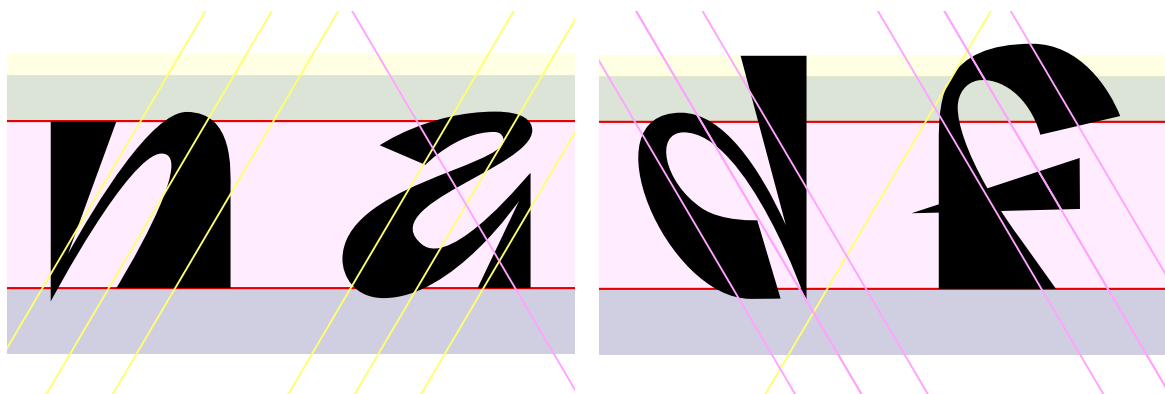
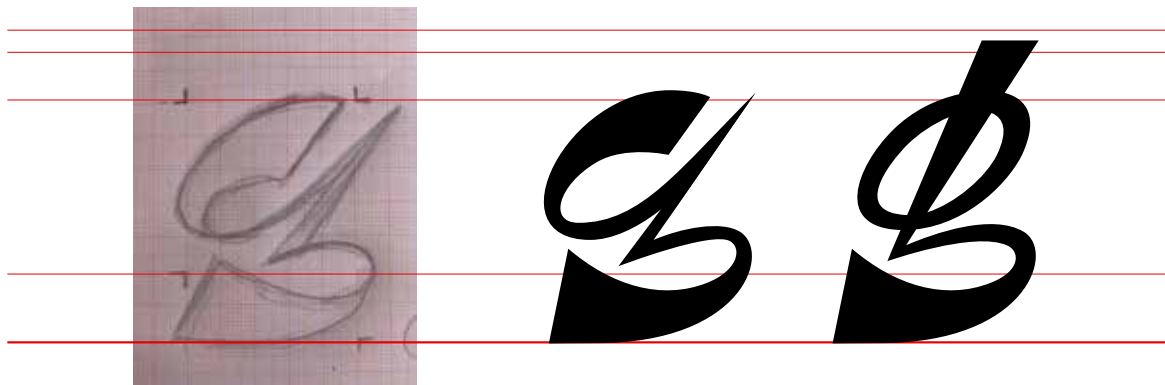
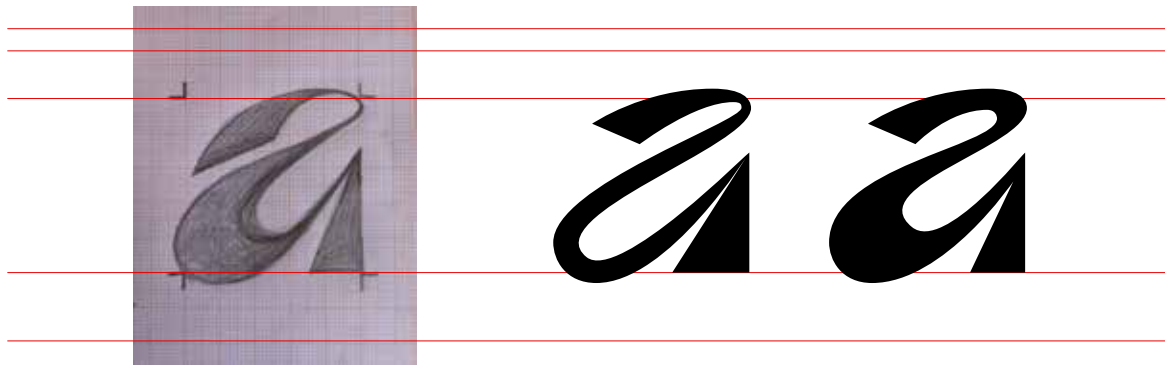
[fonte: a autora]

Em seguida, foi definido o "ductus" da fonte — a direção e a sequência dos traços. A proposta foi manter o gesto da caligrafia, desenhando cada letra com uma linha única e ininterrupta, decisão fundamental para estabelecer o ritmo visual e o comportamento orgânico dos caracteres.



[fonte: a autora]

No entanto, um sistema rígido não seria fiel ao conceito. Por isso, notou-se a necessidade de existir Momentos de Gingado: exceções propositalmente à regra. Caracteres como o "a" e o "g" apresentam expansões de peso em locais inesperados, e letras como a "d" e a "f" quebram o eixo de inclinação padrão. Esses gestos de indisciplina são a representação máxima do "gingado".



[fonte: a autora]

Uma vez que as formas-chave, a regra e o ductus estavam estabelecidos, o restante do alfabeto foi desenvolvido de forma sistemática. Letras como 'h', 'm' e 'u' foram derivadas da estrutura do 'n'; caracteres como 'd', 'b' e 'p' surgiram da combinação das formas do 'n' e do 'o', garantindo consistência rítmica e visual em toda a família tipográfica.

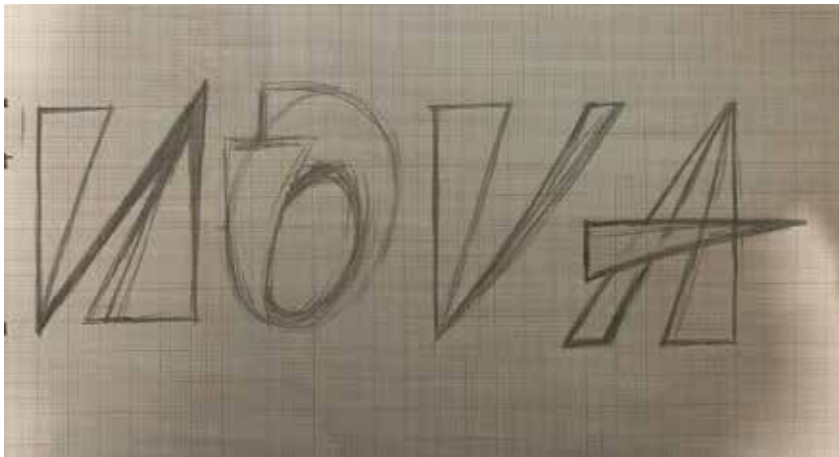
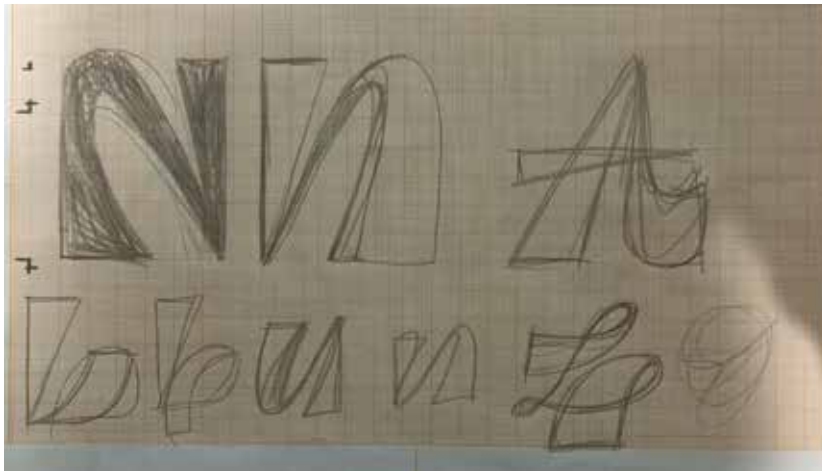
n m h u

p q b d

e e s

[fonte: a autora]

Por fim, o escopo do projeto foi expandido para incluir caracteres maiúsculos essenciais, validando a natureza não linear do processo. Em homenagem direta à artista, foram projetados os caracteres 'R', 'L', e 'C'. e para demonstrar a aplicação do sistema de regras também em caixa alta, foram desenvolvidas as letras-chave 'N', 'O', 'V' e 'A', comprovando a versatilidade do sistema de design proposto.



[fonte: a autora]

NOVA

BZ P

[fonte: a autora]

3.3.2

vetorização e refinamento técnico

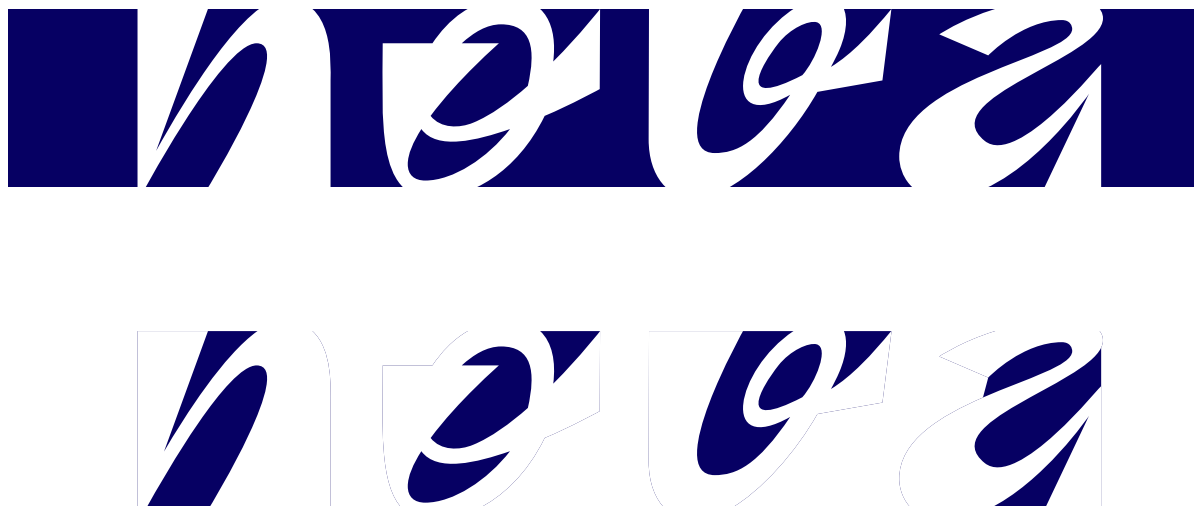
Com a regra conceitual e as formas-chave definidas na etapa de idealização, o projeto avançou da exploração para a execução, transformando os desenhos em um artefato digital funcional. Este processo técnico foi realizado em duas etapas principais: a vetorização inicial de cada caractere no software Adobe Illustrator, para garantir a precisão das curvas de Bézier, e a montagem final do arquivo da fonte no Glyphs Mini, um software especializado na construção de sistemas tipográficos.

3.3.2.1

Definição do Sistema de Métricas

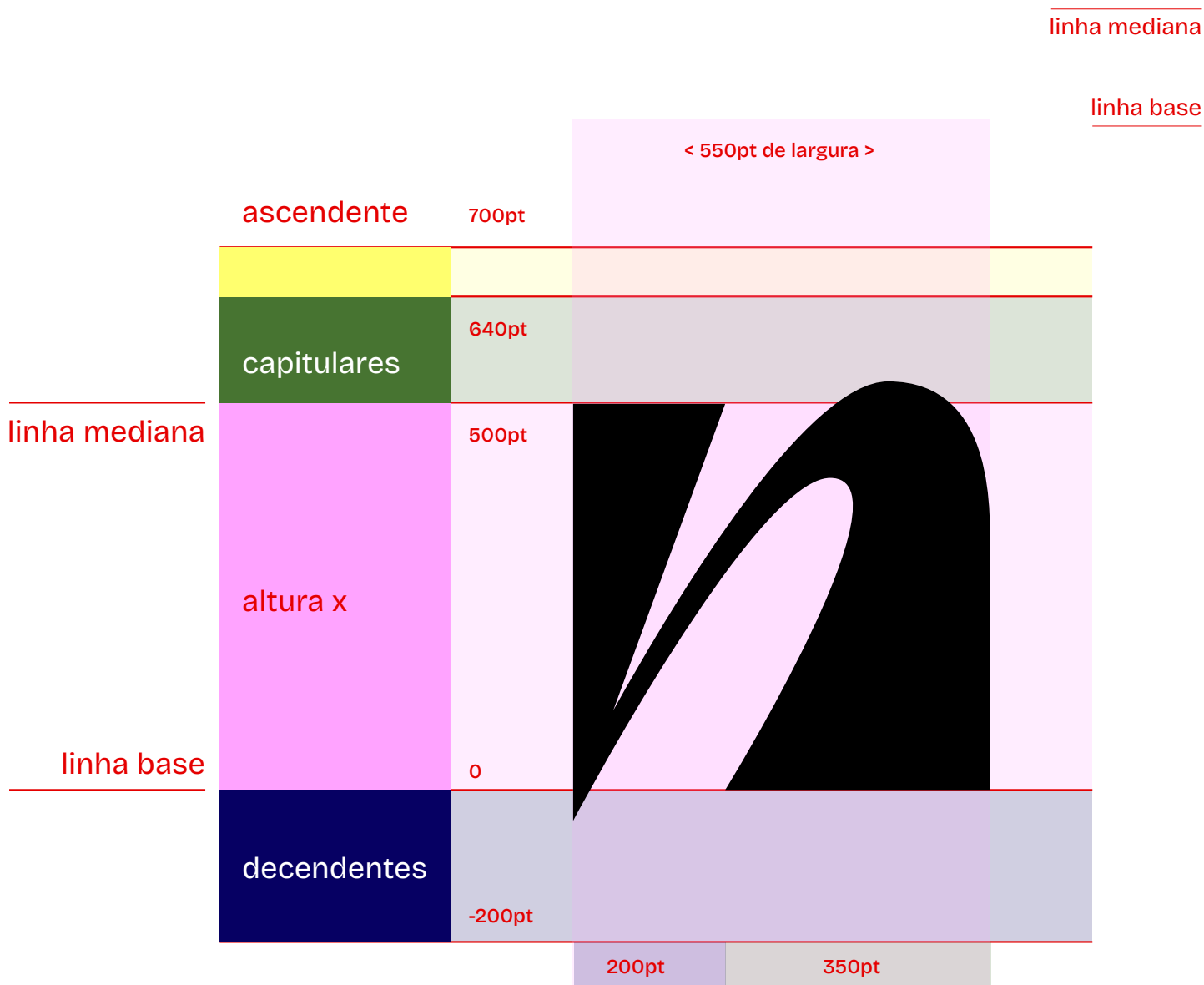
Para garantir a consistência de todo o conjunto de caracteres, o primeiro passo foi estabelecer as regras matemáticas da fonte. Foram definidas as linhas-guia fundamentais do projeto: a altura-x, a altura das ascendentes e a profundidade das descendentes. Essas linhas horizontais estabelecem o esqueleto sobre o qual todas as letras minúsculas são construídas, garantindo que, apesar de suas formas distintas, elas convivam em harmonia (SCAGLIONE, 2018).

Em paralelo, o peso das hastes foi estabelecido para criar o alto contraste desejado. A análise constante da contraforma — o espaço em branco dentro e ao redor das letras — foi crucial para garantir o equilíbrio visual. Em uma fonte de alto contraste como a "Cilibrina", gerenciar o espaço negativo é tão importante quanto desenhar o espaço positivo, evitando que as partes finas desapareçam e que as grossas se tornem pesadas demais.

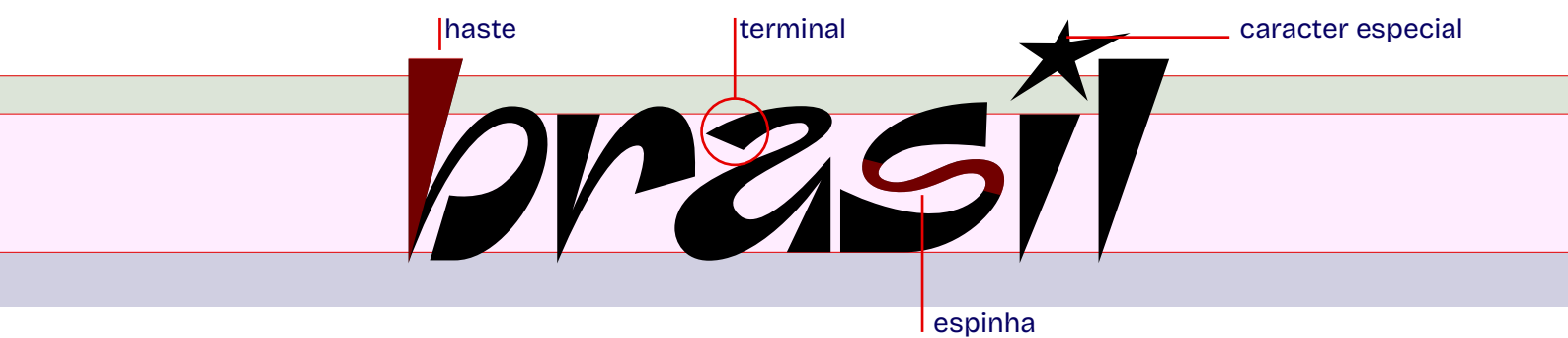
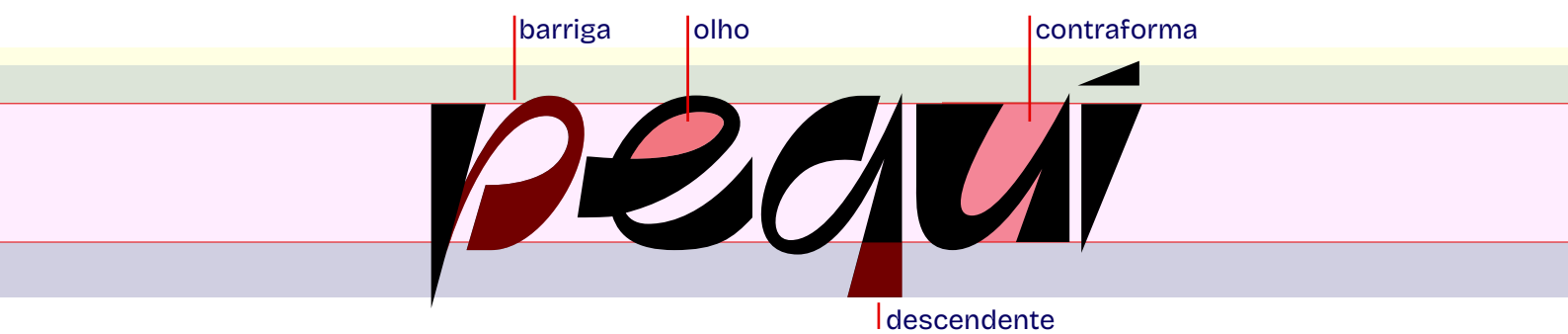
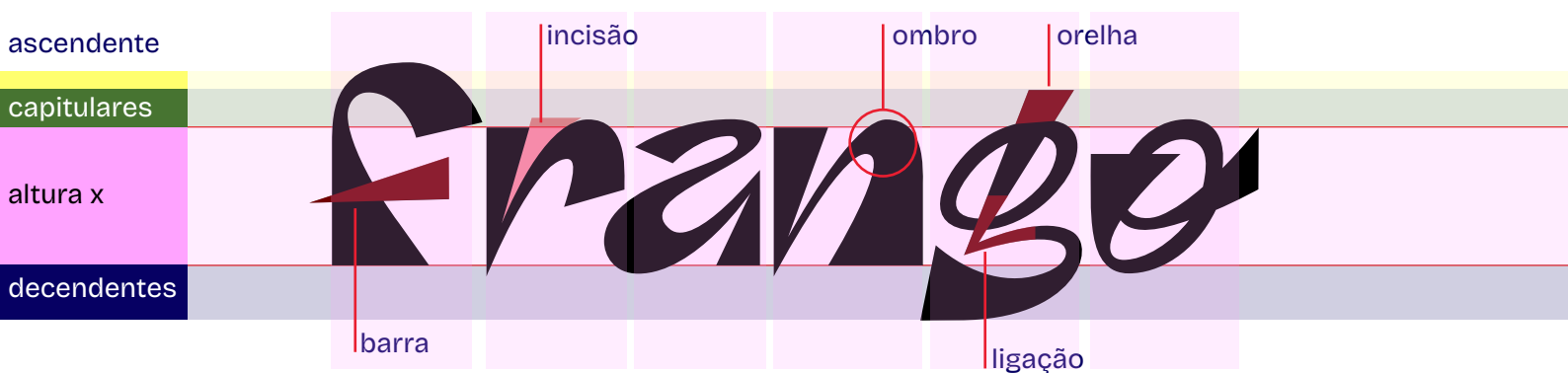


[fonte: a autora]

anatomia da fonte



[fonte: a autora]



[fonte: a autora]

frango

pequi

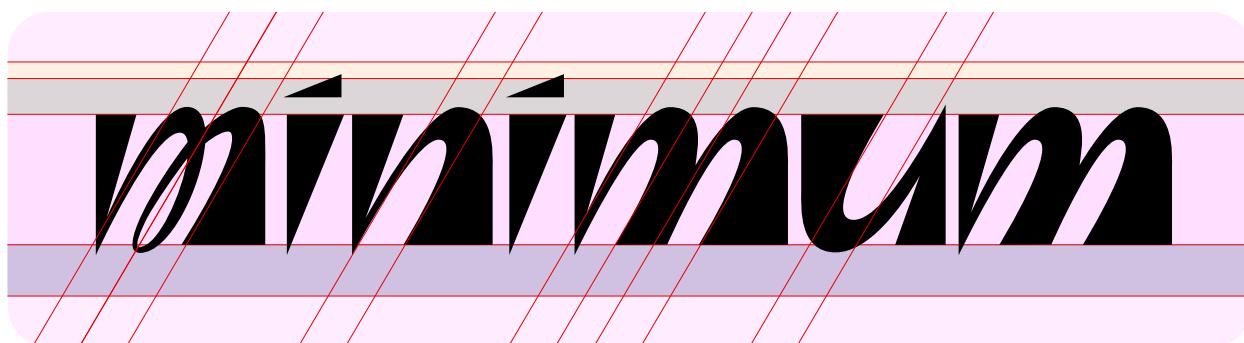
brasil

3.3.2.2

Ajustes Ópticos: A Correção da Matemática

Após a definição das regras matemáticas, o projeto entrou na fase de ajustes ópticos, um refinamento essencial para corrigir distorções que a precisão dos números cria para o olho humano.

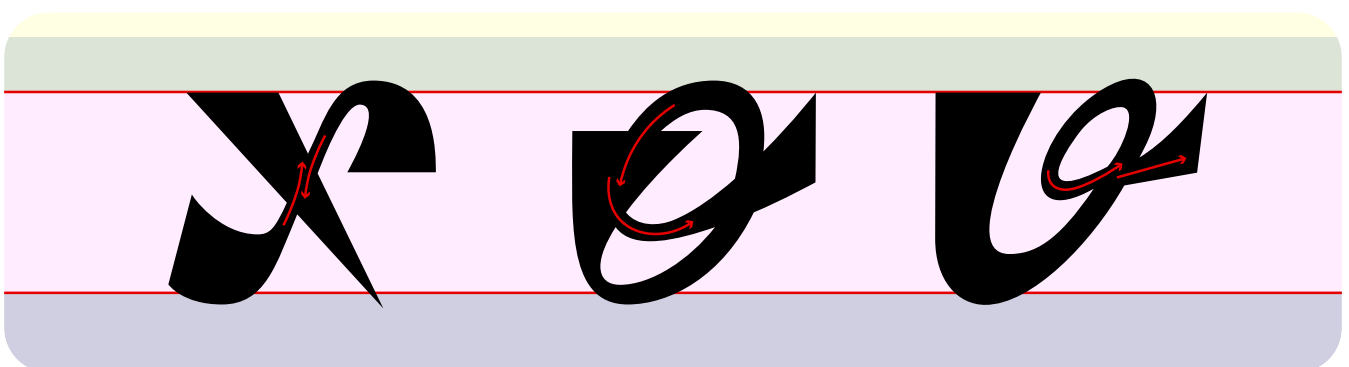
Para conferir ritmo e repetição ao sistema, foi definido um eixo de inclinação sutil, que guia a modulação das formas. Este eixo não apenas unifica visualmente o alfabeto, mas também dialoga diretamente com as hastes triangulares, reforçando a sensação de movimento e cadência que é central ao conceito do "gingado".



Durante a vetorização, foram realizados diversos ajustes ópticos para garantir o equilíbrio visual, uma etapa que vai além da precisão matemática. Um desses ajustes é o overshoot: para que as formas básicas pareçam visualmente do mesmo tamanho, elas precisam ajustar sua proporção. Dessa forma, as formas curvas sobrepõem sutilmente as linhas de altura e de base, enquanto as formas triangulares o fazem de maneira ainda mais pronunciada.

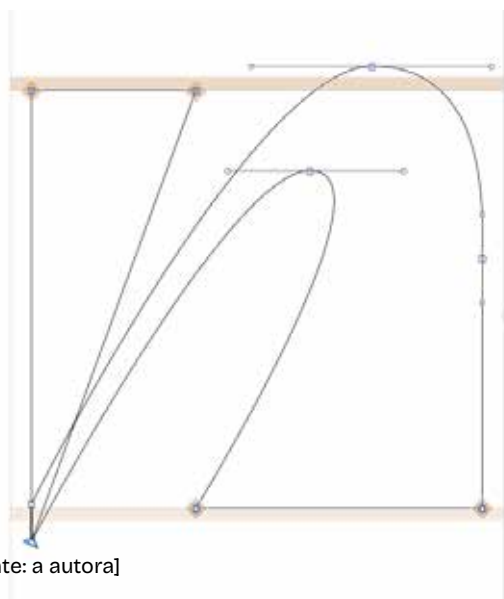


Este princípio foi aplicado em todo o alfabeto, com um overshoot deliberado em letras como "o" e "l" para que parecessem visualmente alinhadas. Outro ajuste óptico realizado foi o desencontro proposital de traços em pontos de junção, como nas letras "x" e "v", uma técnica que evita o acúmulo de peso visual e confere mais dinamismo às formas.

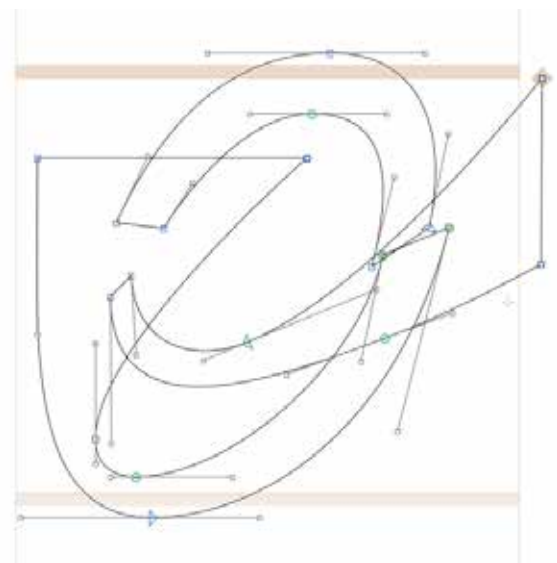


[fonte: a autora]

Um cuidado essencial na vetorização foi o refinamento das curvas de Bézier. Para que a transição entre os traços grossos e finos fosse fluida e orgânica, a posição e o número de pontos de ancoragem foram minimizados ao essencial, com suas alças construídas majoritariamente em eixos horizontais ou verticais. Contudo, para conferir mais ritmo e refinar a suavidade de certas "lombadas", alguns pontos foram angulados manualmente. Este processo garante que as curvas não apresentem irregularidades, resultando em um contorno limpo e de alta qualidade técnica, que traduz a suavidade do gesto caligráfico para a precisão do vetor.



[fonte: a autora]

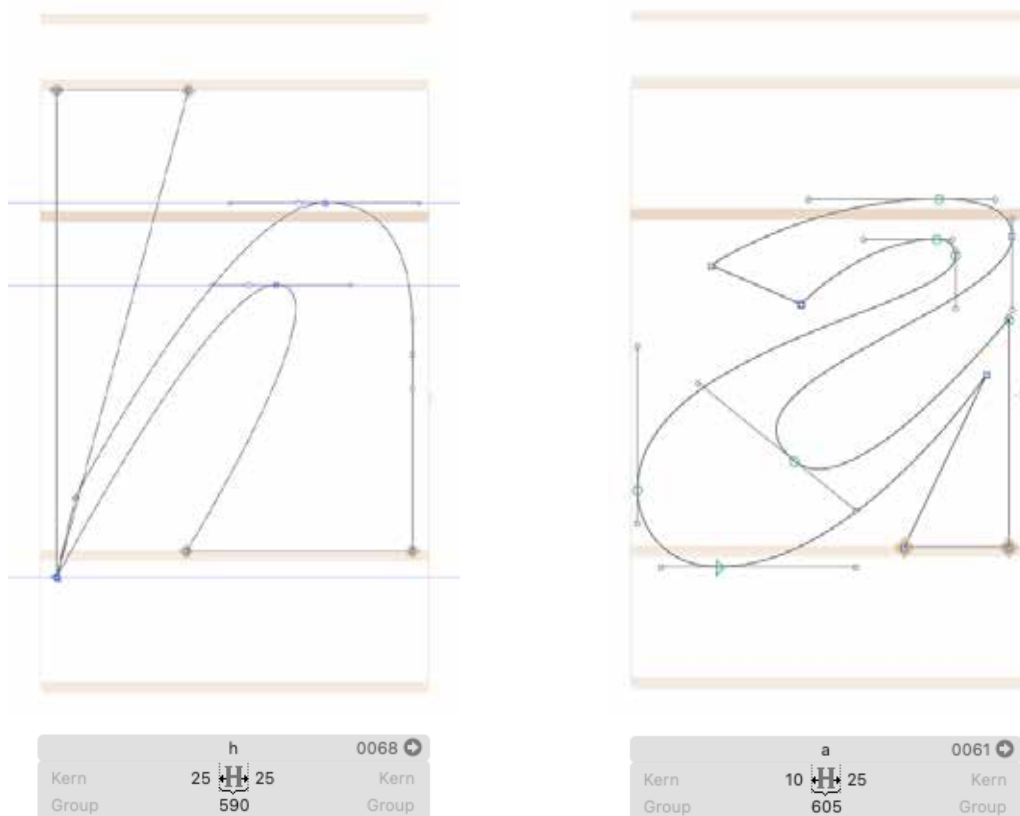


3.3.2.3

Ritmo Visual: Spacing e Kerning

Com os caracteres individualmente refinados, o foco passou a ser a relação entre eles, garantindo que funcionem bem em conjunto.

Primeiro, foi definido o espaçamento (spacing) de cada letra, ajustando suas margens laterais para criar um ritmo visual consistente. Utilizando o método padrão, as letras 'h' (com lados retos) e 'a' (com lado curvo) serviram de base para espaçar todo o alfabeto, buscando uma cadência agradável, sem "buracos" ou "apertos" que pudessem quebrar a fluidez da leitura.



[fonte: a autora]

hamburdeFontsis

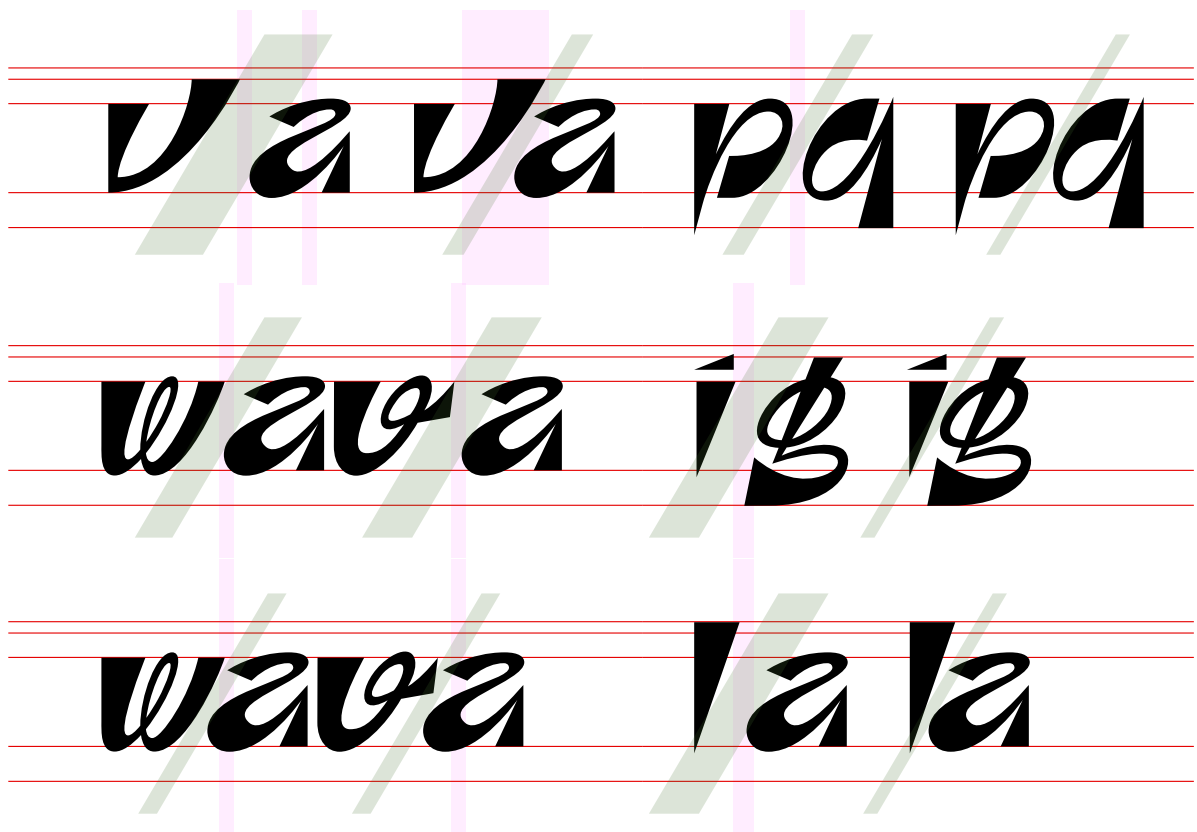
**the quick brown
fox jumps over
the lazy dog**

**denfnghnhninjnh
nlmnnnpndnrn
sntnunwnxny
nzn**

**01020304050607
08090**

[fonte: a autora]

Em seguida, foi realizado o kerning, um ajuste fino do espaço entre pares específicos de letras. Pares problemáticos por natureza, como 'VA', 'To' e 'Av', foram ajustados manualmente para corrigir os espaços percebidos e garantir uma mancha de texto coesa e visualmente agradável em qualquer combinação.



[fonte: a autora]

fonte somente com spacing

hamburgefentsiv

hamburgefentsiv

fonte com kerning

[fonte: a autora]

Após a conclusão desses refinamentos técnicos, a "Cilibrina" evoluiu de um conjunto de desenhos para um protótipo de fonte digital funcional, pronta para ser testada em aplicações práticas na etapa de validação a seguir.

3.4

etapa de validação: testes e aplicação

Com um protótipo tecnicamente refinado em mãos, o projeto entrou na etapa de Validação. O objetivo desta fase foi testar a performance e a eficácia conceitual da fonte "Cilibrina", garantindo que o resultado final cumpra os objetivos estabelecidos no início do trabalho, tanto em sua função como tipografia display quanto em sua capacidade de transmitir a personalidade rebelde e multifacetada de sua homenageada.

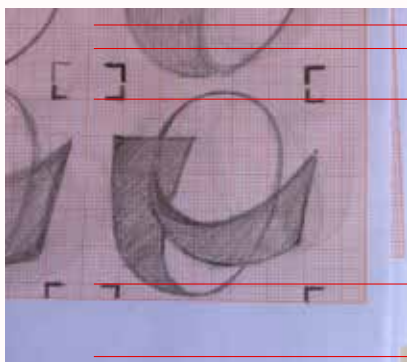
3.4.1

Refinamento Iterativo: A Busca pela "Brutalidade"

Após a vetorização inicial do conjunto completo de caracteres, foi realizada uma primeira etapa de validação visual. Nesta análise, constatou-se que, embora o sistema estivesse funcionando, o resultado carecia da força e do impacto ("brutalidade") essenciais ao conceito. Diante disso, em um ciclo iterativo, retornou-se à etapa de prototipação para um refinamento global, onde o peso e o volume de todos os glifos foram sistematicamente retrabalhados. Este ajuste valida a natureza não linear do Design Thinking, onde a testagem contínua retroalimenta a prototipação em busca de um resultado mais fiel aos objetivos do projeto.

*subir no palco
matar o pau e
mostrar a xana*

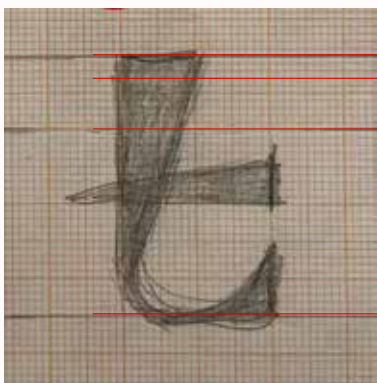
***subir no palco
matar o pau e
mostrar a xana***



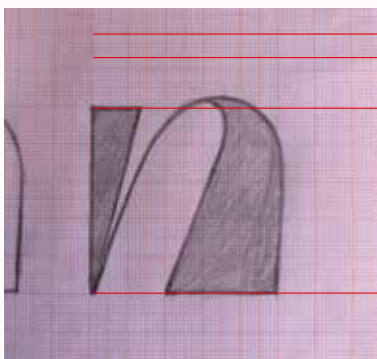
a a a



e e e



t t t



n n n

3.4.2 testes de aplicação e legibilidade

A validação final consistiu em testar a fonte em seu ambiente de uso pretendido: aplicações display. Foram criadas simulações de peças gráficas, como cartazes e capas de álbuns (que serão apresentadas no Capítulo 5), para avaliar três pontos críticos:

Impacto Visual: Verificou-se se o alto contraste e a "brutalidade geométrica" de fato cumpriam a função de capturar a atenção em títulos e chamadas.

Personalidade: Analisou-se se a aplicação da fonte em um contexto real evocava a personalidade "rebelde", "ousada" e "descontraída" definida na Régua Tipográfica.

Legibilidade: Embora a legibilidade em corpos de texto pequenos não seja o foco, foi testada a clareza dos caracteres em grandes tamanhos, garantindo que as formas, apesar de expressivas, não comprometessem a identificação das letras.

O processo de validação confirmou que as decisões tomadas nas etapas de idealização e prototipação resultaram em uma fonte funcional e conceitualmente alinhada aos seus objetivos. Os testes de espaçamento garantiram um bom ritmo de leitura, e as aplicações práticas demonstraram que "Cilibrina" possui a força e a personalidade necessárias para atuar como uma ferramenta de expressão visual, estando pronta para ser apresentada nos resultados a seguir.

hipopóglis comunis
guerrilheira do o
perra-loca feliz
tchurminha
Bidejaneirando
superdeprê pra
birinaites cor

ta brazuquesa
lesbum a lôha
vanguarda zihã
sampa baianês
cupins chupins
lá de marrahes
de rosa cheque

Laibm
R&e*

Cilibrina

[fonte: a autora]

Cilibrina

designer

luiza sanches

ano

2020

1 estilo

pt

esp

2/6

[fonte: a autora]

bruta & orgânica

anatomia da anarquia:

A identidade de um povo raramente cabe em linhas retas. No Brasil, ela dança. E poucas trajetórias dançaram com tanto desbunde quanto a de Rita Lee. Em sua autobiografia, ela se descreve como parte de um "harém desvairado", um núcleo familiar que já continha a semente da sua visão de mundo: o pai, Charles, que "usava a lógica", e a mãe, Chesa, que "investia na intuição". É precisamente nesta encruzilhada que a fonte Cilibrina monta sua barraca. Ela não escolhe um lado; ela é o próprio conflito.

Observe a arquitetura de suas letras. As hastes triangulares, pesadas, quase agressivas, são a mais pura tradução da "ditadura brucutu" que Rita enfrentou e subverteu. São o "calibre como instrumentista" que exigiram dela. Mas essa rigidez é uma armadilha. Antes que a forma se torne um panfleto, ela é rasgada por uma curva orgânica, um gesto que escapa, que debocha da própria estrutura. É a prova de que o rock, como ela mesma afirmou, "também se fazia com útero, ovários e sem sotaque feminista clichê".

*01

"ué, cadê a cilibrina?"

sa

3/6

você pode estar se perguntando. E com razão. Acontece que a Cilibrina, por enquanto, é uma artista de palco, uma show-woman. Ela foi projetada para gritar em títulos, para ser a estrela do cartaz, para causar em frases curtas. Colocá-la num texto longo como este seria uma crueldade com os seus olhos (e, francamente, com os dela também). Ela ainda não se domesticou para o ritmo contido da leitura de parágrafos. Mas não se engane. Ela está observando, aprendendo. Quem sabe um dia ela não lança uma versão mais comportada? Ou talvez não. Com ela, nunca se sabe. Por enquanto.

[fonte: a autora]

A identidade de um povo raramente cabe em linhas retas. No Brasil, ela dança. E poucas trajetórias dançaram com tanto desbunde quanto a de Rita Lee. Em sua autobiografia, ela se descreve como parte de um "harém desvairado", um núcleo familiar que já continha a semente da sua visão de mundo: o pai, Charles, que "usava a lógica", e a mãe, Chesa, que "investia na intuição". É precisamente nesta encruzilhada que a fonte Cilibrina monta sua barraca. Ela não escolhe um lado; ela é o próprio conflito.

Rita
Lee

Observe a arquitetura de suas letras. A Cilibrina é regida por uma nova regra de construção que traduz essa tensão em formas. De um lado, a

"Brutalidade Geométrica": hastes e terminais triangulares, afiados, que remetem à atitude necessária para encarar um universo do rock que exigia "calibre como instrumentista". Do outro, a



"Tensão nos Terminais": curvas orgânicas que nascem e morrem com peso máximo, uma fluidez que é a própria materialização da sua resposta — a de que o rock também se fazia com "útero, ovários e sem sotaque feminista clichê". Não é força pela força; é a astúcia subversiva que define o gingado.

Mas um sistema, por mais subversivo que seja, ainda é um sistema. E Rita nunca foi de seguir roteiros. Por isso, a alma da Cilibrina se revela nos **"Momentos de Gingado"** — atos de indisciplina tipográfica proposital. Caracteres como o 'a' e o 'g' quebram a própria regra, adicionando peso onde não deveria existir, quebrando o eixo, surpreendendo o leitor. São a tradução visual de uma "porra-louca feliz", um convite para não se levar tão a sério. A Cilibrina, batizada em homenagem a um dos momentos de maior ruptura e reinvenção da artista, não é apenas uma fonte. É uma ferramenta para os que, como ela, entendem que a verdadeira identidade nasce da coragem de criar o próprio caminho.

made in
brasil

4/6

[fonte: a autora]

Cilibrina

é uma fonte display sem serifa que explora a tensão entre o controle e o caos. Sua construção parte de uma regra própria que subverte o contraste caligráfico, combinando a "Brutalidade Geométrica" de hastes triangulares e pontiagudas com a "Tensão nos Terminais" de suas curvas orgânicas. O resultado é uma silhueta de alto impacto, com um ritmo dinâmico e inesperado. A fonte não foi projetada para uma leitura neutra, mas para ser uma declaração visual de personalidade — uma tradução da atitude debochada e do gingado brasileiro que a inspiraram.

Estilo

fonte display
sans serif

Designer

luíza sanches

Ano

2025

5/6

[fonte: a autora]

set de caracteres

minúsculas

a b c d e f g h i j k l m n

o p q r s t u v w x y z

com
diacríticos

á à â ã ä å ç é è ê ë ì

í î ï ð ñ ò ô õ ö ù ú û ü

minúsculas
alternativos

a e i o m n

maiúsculas

A N L P O B V

numerais

0 1 2 3 4

5 6 7 8 9

[{ < 0 > }]

símbolos

ˆ ˇ ˘ ˙ ˚ ˛ ˜ ˝ ˞

! ¢ £ ¤ ¥ % & * + , - /

6/6

[fonte: a autora]



resultado

4.1

definição do nome



fonte desenvolvida neste trabalho foi batizada de Cilibrina. A escolha se aprofunda na trajetória de Rita Lee, indo além de suas obras mais conhecidas. "Cilibrinas do Éden" foi o nome do duo formado por Rita e Lúcia Turnbull em 1973, logo após sua conturbada saída dos Mutantes. O nome, um neologismo criado pela própria artista, representa um momento de ruptura, independência e reinvenção. Portanto, batizar a fonte como "Cilibrina" é uma homenagem a essa coragem de recomeçar e de criar uma identidade própria. O nome não apenas soa com a fluidez e o mistério do "gingado", mas também carrega em si a história de uma artista que, para ser autêntica, precisou subverter as regras e seguir seu próprio caminho.

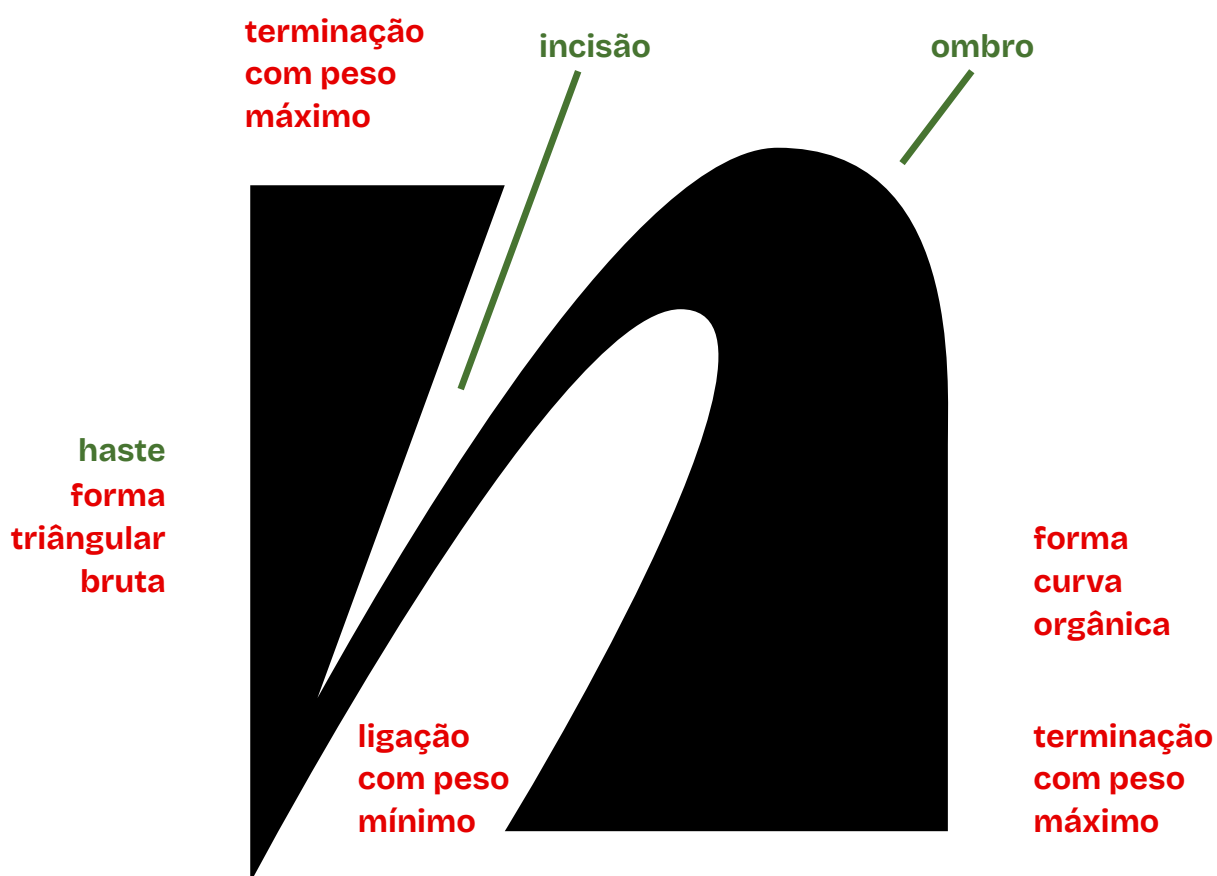


4.2

análise crítica das formas

Uma vez apresentado o espécime tipográfico, esta seção se aprofunda na análise de caracteres-chave para demonstrar, de forma irrefutável, como a tese central do projeto se materializa no design. Foram selecionadas as letras 'n', 'a', 'g' e 'i' para uma análise detalhada. A letra 'n' foi escolhida por ser a âncora visual do sistema, onde a dualidade "bruto/orgânico" se manifesta de forma mais fundamental. As letras 'a' e 'g', por outro lado, foram selecionadas como exemplos máximos dos "Momentos de Gingado", onde a quebra deliberada das regras do próprio sistema revela a personalidade debochada e imprevisível da fonte, já a letra 'i' possui uma estrela, que foi características da assinatura da artista e um símbolo que a acompanhava. A análise a seguir irá dissecar visualmente cada um desses caracteres, apresentando como a persona de Rita Lee e o gingado brasileiro foram traduzidos em decisões de design.

A letra 'n' serve como a âncora visual do sistema, onde a dualidade "bruto/orgânico" é apresentada de forma direta. A haste vertical inicial é a mais pura aplicação do princípio da "Brutalidade Geométrica": sua forma triangular, sólida e pesada, estabelece uma base intransigente, com o peso de um riff de rock. O traço segue de forma contínua, afinando-se em seu ponto mais baixo para então subir em um arco suave e orgânico. Este arco, em um gesto de fluidez, desce novamente para aterrissar com peso máximo em seu terminal, aplicando perfeitamente o princípio da "Tensão nos Terminais". Essa transição abrupta entre a haste e a curva gera uma incisão marcante, que confere à contraforma um aspecto igualmente triangular e agudo. O arco representa o elemento melódico, a voz pop sobre a base do rock, encapsulando a fusão de estilos que marcou a carreira de Rita Lee.



A letra 'a', por sua alta frequência na língua portuguesa e por sua complexidade formal, foi escolhida para funcionar como um "Momento de Gingado" fundamental, onde a quebra de regra é explícita e deliberada. Como aponta o designer Cristóbal Henestrosa, o 'a' é frequentemente um ponto de partida no design de tipos por sua recorrência e potencial de diferenciação. Por aparecer tantas vezes, a decisão de torná-lo especial garante que a personalidade da fonte e o próprio "gingado" sejam uma presença constante e vibrante em qualquer texto.

Sua estrutura manifesta a dualidade central do projeto: a terminação vertical aplica a "Brutalidade Geométrica" com uma forma triangular afiada, enquanto sua tigela (bowl) é um gesto puramente orgânico, com curvas acentuadas e fluidas.

No entanto, a verdadeira rebeldia do 'a' reside na sua recusa em obedecer completamente ao princípio da "Tensão nos Terminais". Além de possuir peso em seus pontos de início e fim, a fonte introduz um inchaço, um ponto de tensão extra no meio da curva de sua tigela. Essa quebra na própria regra do sistema — a decisão de adicionar peso onde ele não deveria existir — gera uma surpresa visual, uma quebra de expectativa.

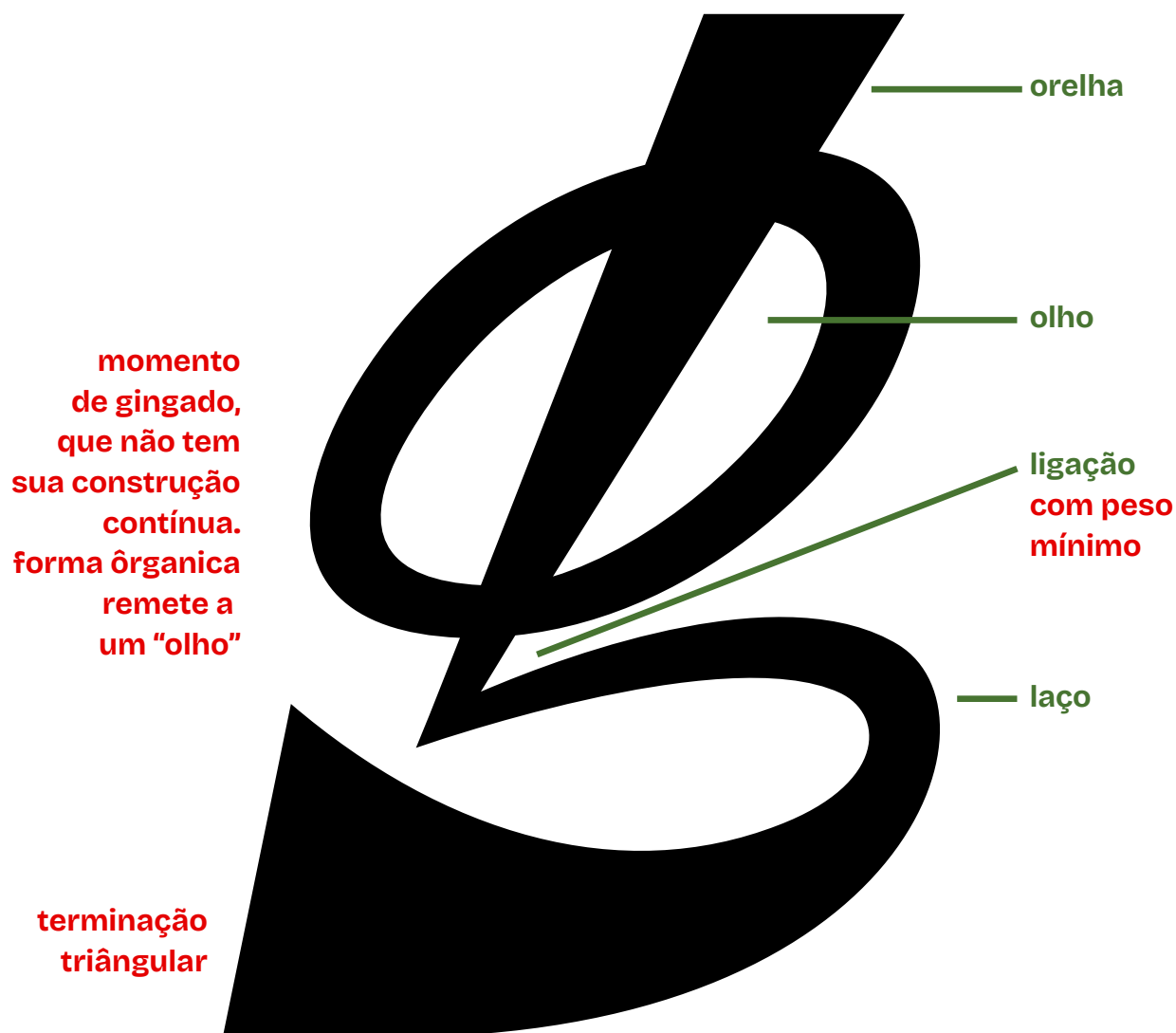
Este é um ato de indisciplina tipográfica proposital. É a representação mais literal do "gingado": a capacidade de improvisar e subverter a própria estrutura para criar um resultado inesperado e autêntico, garantindo que a fonte, assim como sua homenageada, nunca seja totalmente previsível.



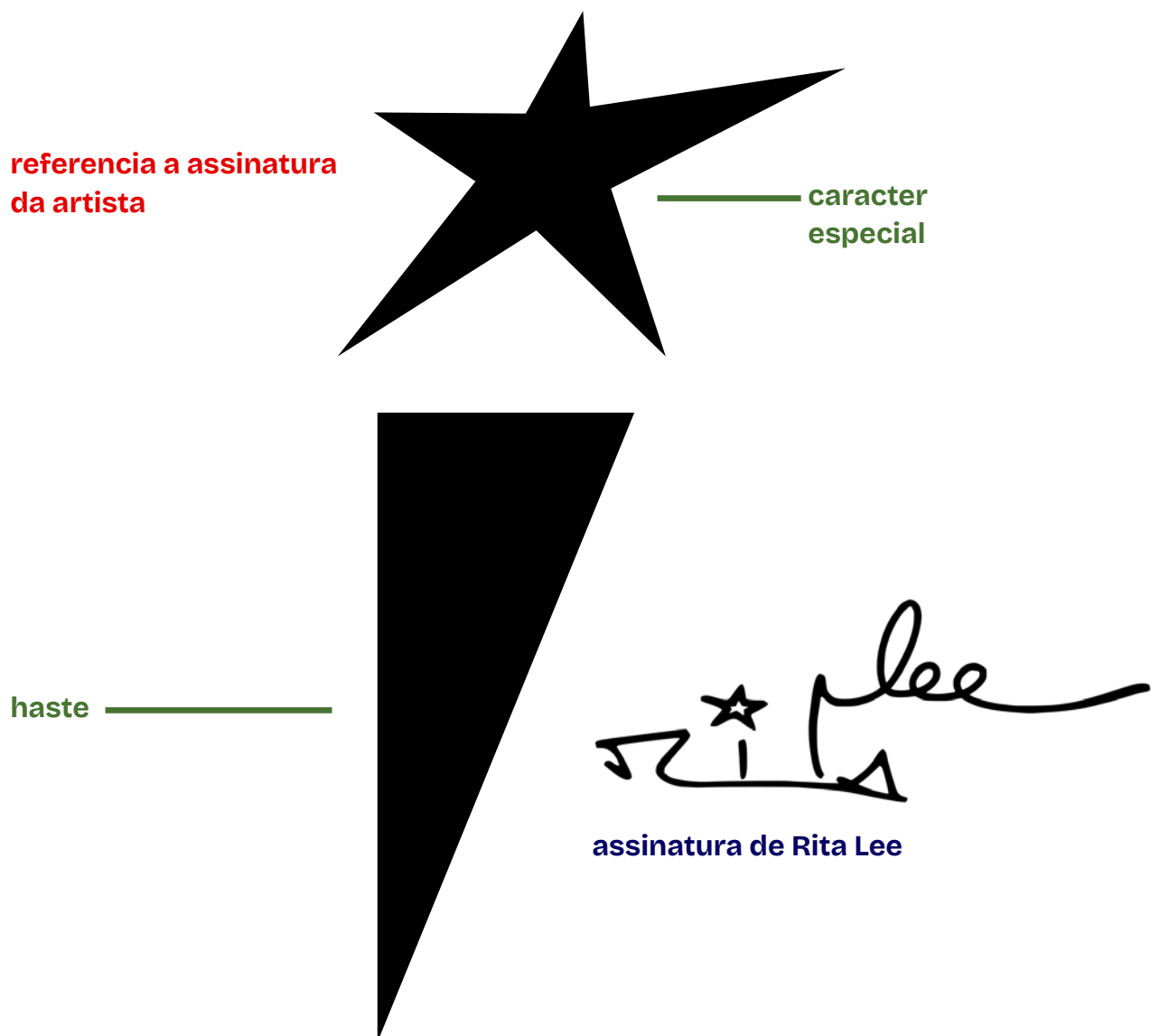
O 'g' é talvez o caractere que melhor sintetiza a personalidade debochada da fonte, através de uma construção que quebra as regras da forma contínua. Diferente de uma construção tradicional, seu "olho" (a contraforma superior) é uma forma independente, invadida por um laço descendente que se torna o protagonista do caractere.

Este laço aplica os dois princípios de design de forma dramática. Ele se inicia com uma haste triangular, uma manifestação de "Brutalidade Geométrica" que corta o círculo do olho, criando uma expressão felina, um "olho de gato" que encara o leitor com ironia e autoconfiança. O traço então afina-se em seu ponto de ligação, quase imperceptível, para explodir em uma cauda fluida e orgânica, que aplica a "Tensão nos Terminais" em sua extremidade.

Essa construção fragmentada — a fusão de uma forma agressiva com uma cauda dançante — é o "gingado" em sua forma mais complexa. É um gesto de audácia tipográfica que reflete a persona multifacetada de Rita Lee, que era, ao mesmo tempo, roqueira e terna, direta e irônica.



O 'i' chega como a cereja do bolo dessa família tipográfica. Ele assume o papel de 'caracter especial' por um motivo muito nobre: é uma citação direta e carinhosa à assinatura da própria Rita Lee. Esqueça o pingô redondo; aqui, ele dá lugar a uma estrela, ícone que a acompanhou por toda a vida e traz um toque de magia para o texto. Para equilibrar esse lado lúdico, a haste é um triângulo invertido, sólido e cortante, aplicando a 'Brutalidade Geométrica' na sua forma mais essencial. É um glifo que não pede licença, é pura atitude e reverência.



A análise detalhada das letras 'n', 'a', 'g' e 'i' comprova a aplicação consistente dos princípios de "Brutalidade Geométrica" e "Tensão nos Terminais", ao mesmo tempo que valida a importância dos "Momentos de Gingado" como a principal ferramenta de expressão da fonte. Fica demonstrado que o design não é um conjunto de decisões estéticas aleatórias, mas sim um sistema coeso onde cada haste, curva e exceção serve a um propósito conceitual: materializar a dualidade e a irreverência de sua homenageada. Uma vez estabelecido como a personalidade da fonte se manifesta em seus caracteres individuais, a próxima seção irá explorar como essa identidade se comporta em um contexto prático, através de simulações de uso em peças de design gráfico.

4.3

aplicações da fonte

Para validar o projeto, não bastava que a fonte funcionasse na teoria; ela precisava encarar a rua. Meu intuito foi submeter a tipografia a um verdadeiro teste de estresse em diferentes territórios visuais, provando que seu 'gingado' permite que ela transite com naturalidade entre a leveza da MPB e o peso metálico do Rock.

O primeiro desafio foi no design editorial, com a capa do livro 'P*rra Louca'. O título, uma autodenominação clássica de Rita Lee, exigia uma fonte que segurasse a ironia e a intensidade da autora. Aqui, a tipografia dialoga com a ilustração psicodélica, provando sua legibilidade mesmo em composições caóticas e vibrantes.

Em seguida, explorei o arquétipo do rebelde em produtos de consumo. Desenvolvi uma identidade visual para um Sex Shop, pauta fundamental na trajetória de Rita, que sempre falou abertamente sobre a liberdade sexual feminina. Neste projeto, a fonte assume uma postura mais sedutora e noturna, com texturas metalizadas que remetem ao prazer e ao proibido, sem perder a elegância.

Por fim, levei a rebeldia para o varejo alimentar com uma marca de açaí com guaraná. O conceito foi criar um produto que 'não pede licença', cheio de energia e atitude. A fonte aqui serve para gritar nas gôndolas, mostrando que até um produto do dia a dia pode carregar a essência inquieta e tropical que o projeto propõe.



mpb

[fonte: a autora]

rock

[fonte: a autora]



[fonte: a autora]



[fonte: a autora]



[fonte: a autora]

5
4
3
2



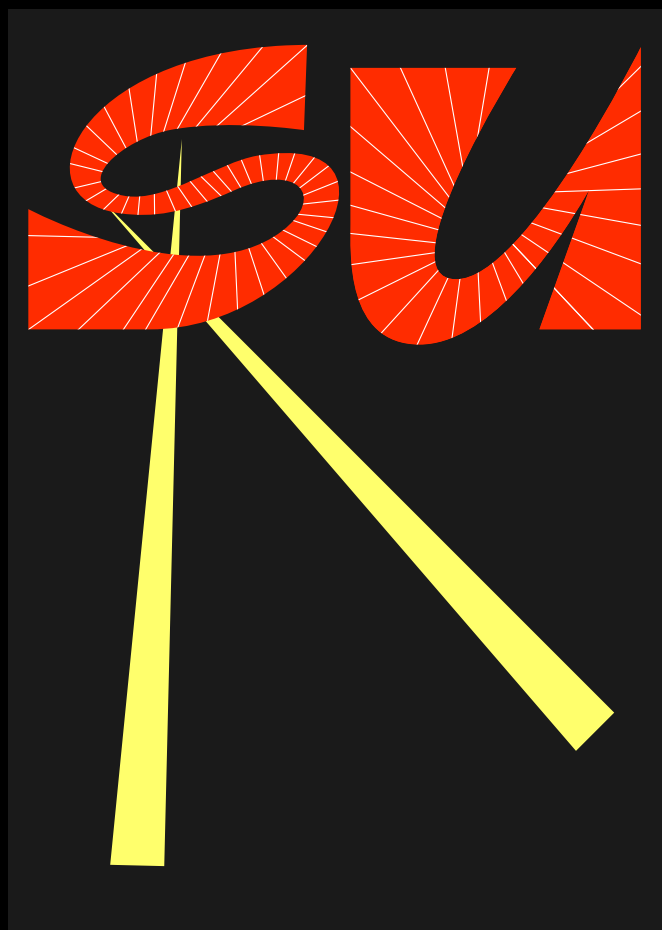
[fonte: a autora]

Se os projetos anteriores testaram facetas específicas, o Sushita foi a prova de fogo: a construção de uma marca completa. Trata-se de um sushi bar fictício, tipicamente paulistano, que nasce com o lema 'peixe cru, papo reto'. Neste projeto, a tipografia não é apenas um acessório, mas a protagonista absoluta da identidade visual. Ela sustenta o logo e toda a comunicação verbal, criando um contraste vibrante entre o fundo preto e o laranja intenso, que foge do óbvio.



[fonte: a autora]

A aplicação mais rica acontece no cardápio, onde o design gráfico encontra o copywriting irreverente. A fonte demonstrou sua capacidade de hierarquizar informações complexas sem perder o humor, apresentando pratos que homenageiam a discografia da artista. Ver a tipografia escrevendo 'Ovelha Negra Roll', 'Lança Sashimi' e 'Doce Veneno' comprova a tese central do trabalho: criamos uma fonte que tem voz. Ela consegue vender, informar e, ao mesmo tempo, contar uma piada com a ironia fina de Rita Lee."



[fonte: a autora]



[fonte: a autora]

energia
atitude
resistência



o açaí que
que não
pede licença

açaí *com*
guaraná

[fonte: a autora]



[fonte: a autora]

peccado
prazer
sex shop

[fonte: a autora]



bibliografia e siteografia

bibliografia

ALMEIDA, Rita Lee Jones de. **Rita Lee**: uma autobiografia. 1. ed. São Paulo: Globo Livros, 2016.

BRINGHURST, Robert. **Elementos do estilo tipográfico**. 3. ed. São Paulo: Cosac Naify, 2005.

CHENG, Karen. **Designing type**. New Haven: Yale University Press, 2005.

FRUTIGER, Adrian. **Sinais e símbolos**: desenho, projeto e significado. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

HENESTROSA, Cristóbal; MESEGUER, Laura; SCAGLIONE, José. **Como Criar Tipos: Do Esboço à Tela**. São Paulo: Blucher, 2019.

JUNG, Carl G. **O homem e seus símbolos**. 3. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2016.

LUPTON, Ellen. **Pensar com tipos**: guia prático para designers, escritores, editores e estudantes. 2. ed. São Paulo: Cosac Naify, 2013.

siteografia

BRITANNICA, The Editors of Encyclopaedia. Johannes Gutenberg. Encyclopædia Britannica, Acesso em: 15 set. 2025. Disponível em: <https://www.britannica.com/biography/Johannes-Gutenberg>.

BROWN, Tim. Design Thinking: Uma Metodologia Poderosa Para Decretar o Fim Das Velhas Ideias. Rio de Janeiro: Alta Books, 2019.

GOMES, Luis García. Como se Faz um Livro: A Produção Gráfica de Livros Passo a Passo. São Paulo: Summus Editorial, 2010.

JUNG, Carl G. Os Arquétipos e o Inconsciente Coletivo. Petrópolis: Editora Vozes, 2016.

MIGNOT, Carlos. Régua Tipográfica. Disponível em: <https://ensino.plau.design/regua-tipografica/>. Acesso em: 15 set. 2025.

NIEMEYER, Oscar. Minha Arquitetura. Rio de Janeiro: Revan, 2000.

NOORDZIJ, Gerrit. The Stroke: Theory of Writing. London: Hyphen Press, 2013.

PANGRAM PANGRAM FOUNDRY. Acma Font Family. Acesso em: 15 set. 2025.

SAIANI, Rodrigo. Arquétipos de marca na tipografia. Plau Ensino, 2024. Disponível em: <https://ensino.plau.design/arquetipos-de-marca-na-tipografia/>. Acesso em: 15 set. 2025.

SCAGLIONE, José. "O Processo Criativo." In: FARIAS, Priscila; PRODANOV, Cleber (Org.). Tipografia e Educação no Brasil. São Paulo: Blucher, 2014.

SHARP TYPE. Beatrice Font Family. Acesso em: 15 set. 2025.

Lista de figuras

[fig. 1] e [fig. 2] CAMBRIDGE UNIVERSITY LIBRARY. Gutenberg Bible. Mainz, 1454-1455. Disponível em: <https://www.50treasures.divinity.cam.ac.uk/treasure/gutenberg-bible/>. Acesso em: 09 dez. 2025.

[fig. 3] INTERNATIONAL PRINTING MUSEUM. Gutenberg Press. Carson, [s.d.]. Disponível em: <https://www.printmuseum.org/gutenberg-press>. Acesso em: 09 dez. 2025.

[fig. 4] HEIDELBACH, Willi. Metal movable type. 2004. Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Ficheiro:Metal_movable_text.jpg. Acesso em: 09 dez. 2025.

[fig. 5] TIPOGRAFOS.NET. Tipos egípcios. [s.d.]. Disponível em: <http://tipografos.net/tipos/egipcios-1.html>. Acesso em: 09 dez. 2025.

[fig. 6], [fig. 7] e [fig. 8] LÖFKVIST, Grendl. Guest Blogger Grendl Löfkvist on Wood Type. San Francisco History Center Blog, 2015. Disponível em: <https://sfhcbasc.blogspot.com/2015/06/guest-blogger-grendl-lofkvist-on-wood.html>. Acesso em: 09 dez. 2025.

[fig. 9] ADOBE STOCK. Cathedral. [s.d.]. Disponível em: https://stock.adobe.com/br/search?k=catedral&asset_id=606747359. Acesso em: 09 dez. 2025.

[fig. 10] WIKIMEDIA COMMONS. Cathedral of Brasilia int July 2009. 2009. Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Ficheiro:Cathedral_of_Brasilia_int_July_2009.jpg. Acesso em: 09 dez. 2025.

[fig. 11] ADOBE STOCK. Niteroi Rio de Janeiro Brazil October 31 2018 Oscar Niemeyer's Contemporary Art Museum. 2018. Disponível em: <https://stock.adobe.com/br/images/niteroi-rio-de-janeiro-brazil-october-31-2018-oscar-niemeyer-s-contemporary-art-museum-one-of-the-masterpiece-of-modern-architecture-built-on-the-rock-in-1996/379466718>. Acesso em: 09 dez. 2025.

[fig. 12] e [fig. 13] INSTITUTO BURLE MARX. Acervo. [s.d.]. Disponível em: <https://www.institutoburlemarx.org/en/acervo>. Acesso em: 09 dez. 2025.

[fig. 14] WIKIPÉDIA. Deus e o Diabo na Terra do Sol. [s.d.]. Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Deus_e_o_Diabo_na_Terra_do_Sol. Acesso em: 09 dez. 2025.

[fig. 15] ADOBE STOCK. Guarana plantation. [s.d.]. Disponível em: <https://stock.adobe.com/br/images/guarana-plantation/375903683>. Acesso em: 09 dez. 2025.

[fig. 16] ADOBE STOCK. Ecosystem and healthy environment concepts and nature background tropical rainforest aerial top view. [s.d.]. Disponível em: <https://stock.adobe.com/br/images/ecosystem-and-healthy-environment-concepts-and-nature-background-tropical-rainforest-aerial-top-view/488188418>. Acesso em: 09 dez. 2025.

[fig. 17] ADOBE STOCK. Sunset in the mountains between Minas Gerais and Rio de Janeiro Brazil. [s.d.]. Disponível em: <https://stock.adobe.com/br/images/sunset-in-the-mountains-between-minas-gerais-and-rio-de-janeiro-brazil/374994881>. Acesso em: 09 dez. 2025.

[fig. 18] ADOBE STOCK. Botucatu. [s.d.]. Disponível em: https://stock.adobe.com/pt/search?k=botucatu&asset_id=551586461. Acesso em: 09 dez. 2025.

[fig. 19] ADOBE STOCK. Rio de Janeiro Brazil top view of people walking on the iconic Copacabana beach sidewalk. [s.d.]. Disponível em: <https://stock.adobe.com/br/images/rio-de-janeiro-brazil-top-view-of-people-walking-on-the-iconic-copacabana-beach-sidewalk/245212552>. Acesso em: 09 dez. 2025.

[fig. 20] LEE, Rita; CARVALHO, Roberto de. Rita Lee e Roberto de Carvalho. Rio de Janeiro: Som Livre, 1979. 1 capa de disco. Disponível em: <https://www.discografia.discosdobrasil.com.br/interprete/rita-lee>. Acesso em: 09 dez. 2025.

[fig. 21] LEE, Rita. Build Up. Rio de Janeiro: Polydor, 1970. 1 capa de disco. Disponível em: <https://www.discografia.discosdobrasil.com.br/interprete/rita-lee>. Acesso em: 09 dez. 2025.

[fig. 22] LEE, Rita; TUTTI FRUTTI. Fruto Proibido. Rio de Janeiro: Som Livre, 1975. 1 capa de disco. Disponível em: <https://www.discografia.discosdobrasil.com.br/interprete/rita-lee>. Acesso em: 09 dez. 2025.

[fig. 23] GIL, Gilberto; LEE, Rita. Refestança. Rio de Janeiro: Som Livre, 1977. 1 capa de disco. Disponível em: <https://www.discografia.discosdobrasil.com.br/interprete/rita-lee>. Acesso em: 09 dez. 2025.

[fig. 24] LEE, Rita; TUTTI FRUTTI. Babilônia. Rio de Janeiro: Som Livre, 1978. 1 capa de disco. Disponível em: <https://www.discografia.discosdobrasil.com.br/interprete/rita-lee>. Acesso em: 09 dez. 2025.

[fig. 25] LEE, Rita; CARVALHO, Roberto de. Rita Lee e Roberto de Carvalho. Rio de Janeiro: Som Livre, 1980. 1 capa de disco. Disponível em: <https://www.discografia.discosdobrasil.com.br/interprete/rita-lee>. Acesso em: 09 dez. 2025.

[fig. 26] LEE, Rita; CARVALHO, Roberto de. Saúde. Rio de Janeiro: Som Livre, 1981. 1 capa de disco. Disponível em: <https://www.discografia.discosdobrasil.com.br/interprete/rita-lee>. Acesso em: 09 dez. 2025.

[fig. 27] LEE, Rita; CARVALHO, Roberto de. Rita Lee e Roberto de Carvalho. Rio de Janeiro: Som Livre, 1982. 1 capa de disco. Disponível em: <https://www.discografia.discosdobrasil.com.br/interprete/rita-lee>. Acesso em: 09 dez. 2025.

[fig. 28] LEE, Rita; CARVALHO, Roberto de. Flerte Fatal. Rio de Janeiro: EMI-Odeon, 1987. 1 capa de disco. Disponível em: <https://www.discografia.discosdobrasil.com.br/interprete/rita-lee>. Acesso em: 09 dez. 2025.

[fig. 29] LEE, Rita. 3001. Rio de Janeiro: Universal Music, 2000. 1 capa de disco. Disponível em: <https://www.discografia.discosdobrasil.com.br/interprete/rita-lee>. Acesso em: 09 dez. 2025.

[fig. 30] ISTOÉ GENTE. Neta de Rita Lee compartilha compilado de memórias com a avó: 'Você foi f*da'. 2023. Disponível em: <https://istoe.com.br/neta-de-rita-lee-compartilha-compilado-de-memorias-com-a-avo-voce-foi-fda>. Acesso em: 09 dez. 2025.

[fig. 31] e [fig. 35] MARIE CLAIRE. 20 momentos que fizeram de Rita Lee um ícone fashion. 2023. Disponível em: <https://revistamarieclaire.globo.com/moda/noticia/2023/05/20-momentos-que-fizeram-de-rita-lee-um-icone-fashion.ghml>. Acesso em: 09 dez. 2025.

[fig. 32] PINTEREST. [Fotografia de Rita Lee]. [s.d.]. Disponível em: <https://br.pinterest.com/pin/352969689536515821/>. Acesso em: 09 dez. 2025.

[fig. 33] RÁDIO CULTURA BRASIL. A era Rita Lee nos Mutantes. 2025. Disponível em: https://cultura.uol.com.br/radio/programas/dissonantes/2025/04/10/48_a-era-rita-lee-nos-mutantes.html. Acesso em: 09 dez. 2025.

[fig. 34] CONTEXTO JORNALISMO. Documentário sobre Rita Lee estreia nos cinemas. 2025. Disponível em: <https://contextojornalismo.com/2025/04/24/documentario-sobre-rita-lee-estreia-nos-cinemas/>. Acesso em: 09 dez. 2025.

[fig. 36] ESTADÃO. Conheça a história de Rita Lee. [2024?]. Disponível em: <https://www.estadao.com.br/web-stories/cultura/musica/conheca-a-historia-de-rita-lee-npre-c/>. Acesso em: 09 dez. 2025.

[fig. 37] REVISTA QUEM. Rita Lee: "Adorei ter sido ruiva, mas encheu o saco". 2015. Disponível em: <https://revistaquem.globo.com/QUEM-News/noticia/2015/04/rita-lee-adorei-ter-sido-ruiva-mas-encheu-o-saco.html>. Acesso em: 09 dez. 2025.

[fig. 38] FERREIRA, Mauro. Rita Lee cogita gravar o primeiro álbum de músicas inéditas em oito anos. G1, 2020. Disponível em: <https://g1.globo.com/pop-arte/musica/blog/mauro-ferreira/post/2020/05/31/rita-lee-cogita-gravar-o-primeiro-album-de-musicas-ineditas-em-oito-anos.ghtml>. Acesso em: 09 dez. 2025.

[fig. 39] PINTEREST. [Imagem de referência visual]. [s.d.]. Disponível em: <https://br.pinterest.com/pin/43628690131111935/>. Acesso em: 09 dez. 2025.

[fig. 40] PLAU ENSINO. O primeiro passo da criação: como montar uma estratégia de marca. [s.d.]. Disponível em: <https://ensino.plau.design/o-primeiro-passo-da-criacao-como-montar-uma-estrategia-de-marca/>. Acesso em: 09 dez. 2025.

[fig. 41] e [fig. 42] COZZI, Fer. Tomasa (Typeface). [s.d.]. Disponível em: <https://fercozzi.com/typefaces/tomasa>. Acesso em: 09 dez. 2025.

[fig. 43] e [fig. 44] PANGRAM PANGRAM FOUNDRY. Acma. [s.d.]. Disponível em: <https://pangrampangram.com/products/acma>. Acesso em: 09 dez. 2025.

[fig. 45] FONTBRIEF. Acma. [s.d.]. Disponível em: <https://www.fontbrief.com/fonts/acma>. Acesso em: 09 dez. 2025.

[fig. 46] e [fig. 47] SHARP TYPE. Beatrice Standard. [s.d.]. Disponível em: <https://www.sharptype.co/typefaces/beatrice-standard>. Acesso em: 09 dez. 2025.

[fig. 48] FONTBRIEF. Beatrice. [s.d.]. Disponível em: <https://www.fontbrief.com/fonts/beatrice>. Acesso em: 09 dez. 2025.

[fig. 49] Tom Calligrapher. Capital C, Written with a @tombowau Fudenosuke brush pen. Instagram: @tv_calligrapher, 4, april. 2024. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/C5V6YmnvQGf/>. Acesso em: 09 dez. 2025.

[fig. 50] MIGNOT, Carlos. Diferença entre Caligrafia, Lettering e Tipografia. Plau Ensino, 2024. Disponível em: <https://ensino.plau.design/diferenca-entre-caligrafia-lettering-tipografia/>. Acesso em: 09 dez. 2025.

[fig. 51] GOOGLE FONTS. A checklist for choosing type. Knowledge, [s.d.]. Disponível em: https://fonts.google.com/knowledge/choosing_type/a_checklist_for_choosing_type. Acesso em: 09 dez. 2025.

